

ESCOLA DE HUMANIDADES  
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

THIAGO QUEDNAU DE BRUM

**A SOMBRA QUE A LUA UM DIA FARÁ NO SOL**

Porto Alegre  
2024

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

THIAGO QUEDNAU DE BRUM

**A SOMBRA QUE A LUA UM DIA FARÁ NO SOL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

**Orientadora: Profa. Janaína de Azevedo Baladão**

Porto Alegre

2024

THIAGO QUEDNAU DE BRUM

**A SOMBRA QUE A LUA UM DIA FARÁ NO SOL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Janaína de Azevedo Baladão

---

Prof. Dr. Cristiano Ordovas Baldi

---

Prof. Dr. Luís Roberto Amabile

Porto Alegre

2024

## AGRADECIMENTOS

Acho que sempre foi muito difícil para mim fazer textos de agradecimentos, não porque eu não tenha a quem citar, mas sim porque eu não sei se em apenas algumas páginas caberiam todas as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui.

Acredito que ser breve talvez funcione, mas também não sei como poderia citar todos os nomes e todas as coisas boas que essas pessoas fizeram por mim, então farei um pouco dos dois aqui, da maneira que sinto que poderá ficar melhor. Então, nesse começo, gostaria, claro, de agradecer tanto ao meu pai quanto à minha mãe que sempre me incentivaram a criar histórias e me deram todas as ferramentas possíveis para poder crescer como escritor. Gostaria de agradecer aos meus professores do ensino fundamental e médio do Colégio La Salle Santo Antônio. Gostaria de agradecer a todos os meus professores do curso de Escrita Criativa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Gostaria de agradecer a todos os meus amigos que viram a minha jornada de crescimento, assim como os colegas e várias pessoas de fóruns e sites que, mesmo sem saber, contribuíram nas horas em que eu buscava por inspiração ou respostas. Como citar todas essas pessoas aqui seria uma prática impossível, pois me sentiria na obrigação de falar o nome e sobrenome de cada um que me ajudou, decidi que vou mencionar tudo que fizeram por mim também.

Então, gostaria de agradecer a todos esses que citei acima que estiveram comigo na produção das minhas histórias e também que tiveram a paciência de ouvir um jovem aspirante hiperativo à escritor que toda hora mudava suas ideias e rescrevia o que estava criando. A todos que me ensinaram os conceitos e significados, me explicando como usar corretamente cada um deles. A todos que foram rígidos comigo e não tiveram pena na hora de me criticar, dizendo quando eu estava fazendo algo de errado. A todos que puderam estar comigo nas horas em que me senti uma fraude e acreditava não ser um escritor de verdade. E, claro, a todos que mesmo que por um momento, mesmo que ele fosse ínfimo, quiseram de fato ouvir o que eu tinha a dizer e acreditaram em mim, me dando esperança para seguir adiante. A todos vocês eu dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso, assim como todas as obras que pretendo, e vou, criar adiante. Obrigado.

## RESUMO

O presente trabalho será dividido em duas partes, sendo a primeira a parte teórica e a segunda a parte criativa. A primeira parte conta com um ensaio sobre a minha experiência como leitor do mangaká Junji Ito, e narra como esbarrei em suas obras na minha infância, me afastando delas por causa de um medo juvenil, e também como voltei a ler suas obras em uma fase da minha vida na qual eu consumia histórias de terror e horror compulsivamente. Além disso, apresento uma biografia autoral na qual exalto esse autor de mangás e trago entrevistas, citações, comentários e a análise do conto “A mulher ao lado”, para explorar a sua bela arte e os simbolismos que a narrativa carrega. Na segunda parte de TCC, a criativa, mostro um conto autoral intitulado “No cair da loucura”, em que narro o dia que Danilo, um jovem estudante, acaba descobrindo, ao acordar, que Tomas, seu melhor amigo de infância, havia sumido. Inesperadamente, as provas da existência de Tomas se apagam, deixando apenas Danilo como a única pessoa que se lembra dele. Em sua jornada para entender o que estaria acontecendo à sua volta, Danilo começa a acreditar que talvez Tomas nunca tivesse existido, restando apenas uma loucura melancólica que estaria tomando conta da sua mente. Contudo, a estranheza das pessoas que ele encontra ao longo de sua busca pelo amigo o fazem questionar se não haveria alguém por trás de tudo aquilo, quase como se houvesse uma conspiração para enlouquecê-lo. Dessa forma, nada mais lhe resta além de tentar achar alguma prova de que seu melhor amigo existiu e descobrir não apenas onde ele está, mas também que tipo de criatura seria capaz de tal ato e o que ele estaria desejando com tudo isso.

Palavras-chave: Escrita criativa; Mangá; Junji Ito; Horror; Terror.

## ABSTRACT

This work is going to be divided in two pieces, being the first the theoretical part and the second the creative part. The first part will feature an Essay talking about my experience being a Junji Ito mangaka reader, and narrating how I ended up bumping in his works in my childhood, moving away them because of a juvenile fear, and too how I ended up coming back to read his works in a phase of my life where I consumed terror and horror stories compulsively. Furthermore, I will bring an authorial biography in which exalt this manga author, with interviews, quotes, commentaries and an analysis about the tale “The woman next door”, exploring her beautiful art and the symbolisms that this narrative carries. In the second part of the CCW, the creative, I will bring an authorial tale named “In the fall of madness”, where I will narrate the day which Danilo, a young student, ended up discovering, upon waking, that Tomas, his childhood best friend, have been disappeared. Unexpectedly all evidence of his existence is erased, leaving Danilo as the only person who remembers him. On his journey to understand what was happening around him, Danilo start believing that maybe Tomas never have existed, remaining only a melancholic craziness that would be taking over his mind. However, the weirdness of the people that he has found in his search for his friend made him wonder if there wasn't someone behind all of this, almost as if there was a conspiracy that would be aiming to drive him crazy. That way, here is nothing left for him to do other than try to find some proof that his best friend existed and discover not only where he is, but also what kind of creature would be capable of such an act and what he would be wanting with all of this.

**Keywords:** Creative Writing; Manga; Junji Ito; Horror; Terror

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>7</b>
<b>2 COMO EU DESCOBRI UMA SOMBRA QUE ME FEZ FELIZ.....</b>	<b>9</b>
<b>3 O TERROR DAS NOITES SEM LUA.....</b>	<b>29</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Acho que, desde que comecei a explorar as histórias e mitologias que Junji Ito criou, encontrei um vasto mundo de possibilidades e excentricidades que me viciaram em ler qualquer obra que ele lançasse. Apesar de ter consumido muitas histórias de terror e horror, desde as mais psicologicamente perturbadoras, até as mais graficamente desconfortáveis, achei nesse mangaká uma grande quantidade de narrativas que eu poderia até mesmo ousar chamar de inéditas. Fazia um bom tempo que eu não via uma pessoa ir tão longe dentro desses gêneros, especialmente com mangás, e é essa excentricidade que me atrai nas obras de Junji Ito. Em suas histórias podemos encontrar situações completamente absurdas, criaturas ou entidades construídas de maneira singular e monstros que nos põem muito mais medo por causa do que eles representam e não tanto por suas aparências, ainda que sejam grotescamente bem ilustrados. Fora que os desfechos que o mangaká cria são imprevisíveis e a única certeza de que teremos com eles são que insanidade e delírio nos aguardam nas últimas páginas, assim como também para a vida dos protagonistas que acompanhamos. E como esse mangaká conseguiu trazer uma luz para mim no que diz respeito à criação de histórias e produções artísticas, sinto que seria muito importante para mim fazer uma ode a esta grande figura que eu sei que no futuro será reconhecido como um dos grandes nomes da literatura, dos mangás, do terror e do horror.

Para essa ode feita através do meu Trabalho de Conclusão de Curso, me utilizo da parte teórica para falar da minha relação com esse mangaká, da minha experiência com seus escritos, além de expressar o que eu vejo ser a melhor qualidade dele como escritor. Em seguida trago a minha biografia autoral feita para Junji Ito, valendo-me de entrevistas, citações e notícias sobre ele, que são retiradas de sites de notícia geek e portais de entretenimento. E já explicando isso agora, o motivo dessas escolhas para referências não tão usuais é que Junji Ito não possui muitos artigos ou análises teóricas que vão além de o citar dentro dos gêneros de mangás, terror e horror. E, mesmo nos textos que tentam falar mais sobre ele, não encontramos algo que possa contribuir para além de pequenas pontas neste trabalho. Por fim trago a análise do conto “A mulher ao lado”, nome citado no sumário, ou “A vizinha”, nome citado na página antes do conto começar. Já aviso isso também porque o livro dessa história, *Contos de horror da Mimi* (de 2022), possui os dois nomes que aparecem em partes diferentes. Em relação à análise do conto, falo sobre sua composição de cores, sobre as minhas teorias, sobre as reflexões que extraí da narrativa e sobre a habilidade de Junji Ito de criar mais de uma interpretação para suas

histórias, explorando, nessa análise, uma visão que enxerga o conto como uma representação de uma situação real retratada através de um evento absurdo.

Já na parte criativa, apresento um conto autoral chamado “No cair da loucura”, que será parte de um livro de cinco contos meus, nomeado de *O terror das noites sem lua*. Buscando me aproximar do que Junji Ito consegue criar, com histórias nas quais personagens acabam sendo jogados repentinamente em situações absurdas e precisam lidar com elas, seja fugindo ou até mesmo as enfrentando, eu criei a narrativa do jovem Danilo, que tem sua vida transformada ao acordar. Naquilo que deveria ser apenas mais um dia normal, depois de um pesadelo desconcertante, Danilo acaba indo para a escola e vivencia vários eventos estranhos, que envolvem o desaparecimento do seu melhor amigo, que parece nunca ter existido, além da sensação de que as pessoas à sua volta estão conspirando contra ele. Assim, o conto se aprofunda na sensação de insanidade que Danilo passa a sentir acreditando que pode estar louco, ao mesmo tempo que considera que tudo que está acontecendo parece estar sendo orquestrado por alguém. Enfrentando seus problemas e tendo que achar alguma prova de que seu amigo existiu e de que ele não está sucumbindo à loucura, ele precisará passar pelo que seria um verdadeiro dia infernal em sua vida. E esse dia pode terminar muito pior do que ele imagina. O conto também traz ilustrações, sendo elas uma para a capa do livro e outras três dentro do conto, todas feitas por mim.

## 2 COMO EU DESCOBRI UMA SOMBRA QUE ME FEZ FELIZ

Desde que me conheço por gente, acho que sempre fui apegado a duas coisas, sendo elas histórias e ilustrações. Adorava sair do cinema reimaginando a narrativa do filme que tinha visto ou redesenhar personagens cujas histórias eu acompanhava, assim como criar minhas próprias histórias e ilustrações. Dessa forma, seria fácil dizer que eu me encantaria por *Graphic Novels* ou histórias ilustradas. Quando mais jovem, acabei consumindo muitos tipos de mídias com histórias ilustradas e aqui eu gostaria de abrir um espaço para falar sobre mangás, que tiveram uma função importante na minha formação como leitor e artista. Em sua maioria, os mangás sempre tiveram um pouco da minha atenção, tanto por seus traços exagerados e um pouco desproporcionais quanto por características particulares como sistemas de poderes elaborados, algo que me desperta profundo interesse. Apesar disso, acho que uma das coisas que mais me chamou atenção foi a perspectiva dada pelos autores para conceitos com os quais já estávamos habituados, como o terror e o horror. Não vou mentir que, quando mais jovem, eu tinha muito receio de ver algumas histórias que envolviam terror e horror, apesar de que havia outras histórias com esses mesmos dois gêneros que eu acompanhava sem sentir nenhuma apreensão ou medo. E foi durante essa fase, quando eu ainda tinha medo de histórias de terror e horror, que esbarrei em um *Shorts*, que são vídeos curtos dentro do Youtube, que continha uma cena de uma animação de uma obra do mangaká<sup>1</sup> Junji Ito. Na época, eu fiquei extremamente assustado com o que vi e até prometi a mim mesmo, depois de pesquisar por esse autor, que nunca mais veria nada dele por causa do sentimento que experimentei. Foi um medo tão genuíno que me fazia sentir que aquelas criaturas dos Shorts realmente poderiam existir.

Então os tempos passaram, eu cresci, amadureci e acabei chegando a um ponto da minha vida em que o terror e o horror já não eram mais assustadores para mim. Pelo contrário, eu diria que eles eram, e são, uma fonte de entretenimento, quase como uma espécie de adrenalina para mim. E, na busca por alguma coisa que pudesse me despertar essa emoção, comparável ao frio na espinha que a gente sente quando algo realmente nos assusta, eu, ironicamente, esbarrei de novo em uma obra do autor Junji Ito. Não tenho certeza se *As egocêntricas maldições de Souichi* foi a primeira obra que li após minha promessa de nunca mais procurar por trabalhos desse mangaká, mas, de certa forma, na minha memória, parece ser essa a primeira que lembro quando retorno a essa época. Após essa experiência, acabei criando um certo fascínio pelas

---

<sup>1</sup> Palavra utilizada para se referir a qualquer cartunista ou quadrinista, tanto japoneses quanto estrangeiros (McCarthy, 2024).

obras de Junji Ito, mas não havia consumido nenhuma delas durante essa minha fase inicial descobrindo esse mangaká. Foi apenas após um bom tempo, vendo apenas vídeos de pessoas narrando as histórias de Junji Ito, que acabei esbarrando com uma de suas novas edições em uma livraria e a comprei sem nem pensar duas vezes. *Contos de horror da Mimi* (de 2022) foi o primeiro mangá de capa dura, publicado pela Darkside, que eu adquiri de Junji Ito e tenho de dizer como foi maravilhosa a experiência de ler cada uma daquelas histórias. Eu me encantei com as narrativas, com a construção de tensão, com as ilustrações e tudo mais que veio naquele livro, desde as histórias mais curtas como “A coisa em cima do poste” e “A placa no campo”, até as mais longas como “A mulher ao lado” e “A praia”. Para mim, Junji Ito faz parte de um grupo de autores de histórias que vão apresentar um conceito em sua trama, no qual o seu interesse por elas vai depender se conseguimos ou não abraçar aquela estranheza e aquele temor que aparecem na história. Além de que, eu vim a descobrir também nessa época a importância de Junji Ito, tanto dentro do mundo dos mangás, do terror e do horror, assim como dentro da literatura em si. Ao longo das três décadas em que esteve escrevendo, ele foi consagrado por muitos, tanto críticos quanto fãs e leitores, como um dos maiores autores no cenário dos quadrinhos atual, além de se tornar uma figura mundialmente reconhecida no que tange histórias de horror e terror.

Na maioria de suas obras, na minha opinião, os personagens acabam sendo pouco explorados, funcionando mais como engrenagens para que os acontecimentos bizarros possam acontecer. Geralmente, suas reações acabam sendo “realistas” (ou seja, próximas a como agimos no dia a dia), frente ao desespero que enfrentam, ou até mesmo acabam parecendo lidar com aquela estranheza de maneira natural ou mais contida, apesar de nunca terem a presenciado. Assim, acho que a ideia do autor com seus personagens e com sua trama seja fazer com que nós, leitores, possamos nos colocar na pele deles, sentindo a emoção e o terror que eles estão experimentando. Apesar disso, ainda há personagens marcantes que ele volta a usar com frequência, como Tomie e Souichi. Por isso, a maioria dos personagens acaba não sendo tão lembrada pelo público, na minha opinião, mas as situações absurdas e assombrosas pelas quais eles passam não são esquecidas pelos seus leitores.

Citando um exemplo, falarei sobre “O enigma da falha de Amigara”. Esse conto se situa em uma região montanhosa onde uma falha geológica surgiu após um terremoto. Muitos pesquisadores foram até o local da fenda, assim como pessoas que se sentiram atraídas por aquele gigante rachadura. Porém, ninguém conseguia entender como que dentro da falha havia buracos que possuíam formas humanas perfeitas, indo a mais de trinta metros dentro da

montanha. Logo somos apresentados a Owaki, nosso protagonista, que indo para a montanha, encontra Yoshida, que assim como ele havia se sentido atraída por aquele lugar, dizendo que tinha visto uma rachadura com sua forma. Nisso, quando chegam, um homem acaba os interrompendo durante a conversa, dizendo ter vindo pelo mesmo motivo, inclusive já tendo encontrado seu buraco. Após isso, ele simplesmente entra na rachadura e desaparece na frente de todos. Um grupo de resgate é enviado, mas nenhum dos socorristas conseguia entrar naquela rachadura, como se ela tivesse sido feita exclusivamente para aquele homem, e mais ninguém, entrar. À noite, em sonhos, nosso protagonista acaba imaginando o homem que entrou no buraco em uma situação de claustrofobia desesperadora, pois ali dentro ele não conseguia se mexer, além de que a forma do buraco começava a se distorcer cada vez que se ia mais fundo, deformando o corpo do homem. Após despertar, Owaki descobre que Yoshida achou seu túnel, dizendo que ele a chamava. Vendo-a em desespero, ele tenta a acalmar cobrindo a entrada com pedras para que fosse impossível dela entrar. Porém, o caos logo se instaura com cada vez mais pessoas aparecendo e entrando nos seus buracos, desaparecendo, quase como se fosse uma histeria coletiva.

Owaki ainda tentava confortar Yoshida, em meio ao pânico, pedindo para que os dois dormissem juntos na barraca dele. Novamente em sonhos, o jovem tem um pesadelo no qual ele mesmo, em uma era primitiva, era obrigado a entrar no seu buraco como punição por seus crimes, não conseguindo voltar e morrendo de forma agonizante ao mesmo tempo que seu corpo se distorcia dentro do buraco, que mudava sua forma à medida que se entrava mais fundo, parecendo esticar seus membros. Logo após acordar, assustado pelo sonho, ele percebe que Yoshida sumiu e vê que ela havia entrado em seu buraco, pois as pedras que ele havia colocado estavam jogadas no chão. Sem tempo para lamentar, ele deixa sua lanterna cair em meio à noite e acaba revelando seu buraco, que hipnoticamente o chamava. Assim, como em um transe, ele entra e apenas desaparece como os outros. No fim, após alguns meses, os exploradores conseguiram dar a volta na montanha, descobrindo uma segunda falha, mas com buracos que lembravam galhos com cinco pontas, como se houvesse uma ponta para a cabeça, duas para os braços e duas para as pernas. Quando um dos exploradores ilumina o buraco, ele vê uma figura grotescamente distorcida e inumana se aproximando, e assim o conto acaba.

E, bem, hora da reflexão. Simplesmente esse é um conto incrível, pois trata não só de claustrofobia, como também do desespero de estar condenado a um destino causado de forma inconsciente por sentimentos que não são compreensíveis. Também tem a arte sempre excepcional dos painéis em que os personagens estão dentro do buraco e do painel com a figura

distorcida que um dia foi um humano. Para mim, essa história mostra o que seria o talento mais notável de Junji Ito. Ele pode pegar qualquer coisa, desde buracos em montanhas, peixes, espirais, casais, casas antigas ou lágrimas e não apenas usar esse conceito para criar uma história de terror psicológico e horror corporal, como trazer uma interpretação subjetiva para o que a história pode querer nos dizer.

No caso de “O enigma da falha de Amigara”, temos uma citação da própria Yoshida, dizendo que nunca se sentiu amada por seus pais e amigos, vivendo em uma constante solidão que apenas terminaria com a morte. E, de certa forma, é isso que os buracos podem representar. Os buracos seriam lugares onde pessoas solitárias, sem nada pelo que viver, acabariam encontrando o seu pertencimento, passando pelo mesmo processo de dor e sofrimento que passariam durante a vida, mas agora em um lugar que elas mesmas escolheram. Dessa forma, os buracos as preencheriam, dando a elas algo que lhes faltava e que não achariam fora daquelas paredes de pedra. Além disso, o chamado dos buracos poderia representar o lado inconsciente dos humanos, um lado que gritaria para eles desistirem da vida e deixarem tudo para trás. Assim, eles apenas cederiam a esse instinto inconsciente, que os levaria para uma tragédia disfarçada de paz. Por isso, na visão que eu constituo com base nas minhas ideias e em análises que vi sobre o conto “O enigma da falha de Amigara”, acredito que os buracos representam a fuga da vida, que mesmo repletos de dor e sofrimento, parecem acolher pessoas fragilizadas, lhes dando um lugar só para elas, em que ninguém poderia as encontrar. Para mim, isso é Junji Ito. Uma história de simples buracos em uma falha, causada por um terremoto, pode trazer uma reflexão sobre a natureza humana e sobre segredos que estão presos dentro das nossas mentes, e que talvez nem mesmo nos demos conta de que existem.

### **A biografia de um gênio do terror e horror**

O texto a seguir se trata de uma biografia autoral minha, falando sobre a vida desse mangaká que me marcou como escritor de terror e horror, além de ilustrador.

Nascido em 1963, Junji Ito começou fazendo desenhos e criando histórias por hobby, inspirado principalmente por grandes referências de sua infância, como Kazuo Umezu. Em entrevista a Fábio Garcia, do *Splash UOL* (2024), ele disse que, na sua juventude, conheceu um livro de introdução ao humor ácido que lhe despertou muito interesse no gênero, com o qual ele trabalha até hoje. Já na vida adulta, ele acabou trabalhando como dentista e anestesista odontológico, até que se inscreveu no *Gekkan Halloween*, um concurso com foco em histórias *shoujo*. Sua primeira publicação então acabou sendo uma história da personagem Tomie, que

se tornaria uma de suas marcas como mangaká. E, por ironia, quem o julgou e lhe deu o prêmio foi seu autor favorito de infância, Kazuo Umezu.<sup>2</sup>

Após isso, Junji Ito nunca mais parou de escrever e desenhar, até mesmo dizendo, em entrevista a Pedro Henrique Ribeiro, da *Omelete* (2023), que não se imagina vivendo sem criar histórias terror e horror, mas que, se um dia fosse explorar outros gêneros, ele já tem dois com os quais gostaria de trabalhar. Em suas palavras: “Gostaria de desenhar ficção científica, se tiver oportunidade. Desenhar histórias sobre jovens também seria fascinante” (Ito, 2023, tradução minha). Ainda também na entrevista com Pedro Henrique Ribeiro (2023), o autor citou que entre os vários filmes de terror que ele já viu, seus favoritos são *O exorcista*, *Suspiria* e *Midsommar*. Já as suas animações preferidas são *Akira*, *Youkai Ningen Bem* e, inesperadamente, *Tom e Jerry*. Talvez o último tenha a ver com o gosto peculiar de Junji Ito pelo humor ácido, algo bem-marcado tanto nas animações antigas quanto nas novas desse rato e gato icônicos. Já sobre suas obras autorais, o autor cita, ainda na entrevista com Pedro Henrique Ribeiro (2023), que algumas de suas favoritas são “Balões pendurados”, “O enigma da falha de Amigara” e “O longo sonho”, além de dizer que o personagem Souichi é um de seus filhos favoritos. Nas palavras de Junji Ito (2023): “Muitas vezes eu me encontro nos personagens. Souichi, por exemplo, tem um certo aspecto de mim quando criança. É o aspecto negativo e excêntrico”. Já no que se trata da sua forma de escrever, é possível perceber alguns detalhes, como a construção de um certo terror ou horror muitas vezes como conceito, assim como o humor ácido já citado anteriormente. E para começar a falar sobre o horror e o terror, eu queria trazer uma explicação feita por Thiago Gomes (2018), da revista *Super Interessante*, que fala sobre como esses dois gêneros funcionam. Nas palavras de Thiago Gomes (2018, s./p.):

O terror está diretamente ligado à sensação de ansiedade. É o medo de uma ameaça que ainda não se mostrou e está relacionado à tensão gerada pela perspectiva de algo ruim que está prestes a acontecer. Por outro lado, o horror está relacionado ao sentimento de repulsa. Ele acontece quando alguma forma de ameaça já está presente. Diferentemente do terror, que trabalha com a tensão, o horror trabalha com o desespero. Por mais que ambos estejam diretamente associados ao medo, o terror e o horror se mostram em momentos diferentes. Não é incomum que uma mesma história tenha ambos os momentos, mas também não é difícil encontrar histórias que tentam trazer somente um desses elementos.

---

<sup>2</sup> Para mais informação ver: <https://www.viz.com/junji-ito>.

Ainda no assunto sobre esses dois gêneros, Thiago Gomes (2018) usa o filme *Bruxa de Blair* como um exemplo de terror, enquanto a refilmagem de *Evil Dead* pode ser vista mais como horror. Se tratando de Junji Ito, Thiago Gomes (2018) fala que, apesar de usar terror em suas obras, o uso do horror se faz mais presente e, até mesmo quando temos uma tensão crescente, ele aponta que o horror logo aparece para nos chocar. Além disso, ele cita como a mídia dos mangás possui certas limitações pois, ao contrário dos livros em que se pode explorar mais a imaginação do leitor, o mangá flerta mais com a representação gráfica da ideia. E, apesar de concordar em partes com isso, eu acredito que a tensão que Junji Ito cria não está relacionada diretamente com uma cena ou monstro, mas sim a situação em si. O terror dentro de suas narrativas se faz presente quando conseguimos nos colocar na pele dos personagens e quando podemos associar a tensão da situação com as coisas habituais que Junji Ito usa, como balões ou peixes. Se não conseguirmos entrar na narrativa e imaginar aquelas situações, realmente o que mais prevalecerá será o horror.

Para tentar explicar melhor esse ponto, gostaria de dizer que a maioria das histórias de Junji Ito se centra em personagens que vivem “vidas normais”, até que algum evento fora dessa normalidade de repente acontece, muitas vezes ligado com algo comum. Dessa forma, parte da tensão seria nos colocarmos no lugar do protagonista e pensar como reagiríamos frente a um mundo que mudou completamente em um simples piscar de olhos, mas que ainda está ligado a uma realidade conhecida. Thiago Gomes (2018) também aponta que as ilustrações de Junji Ito conseguem compensar o que seria a falta de terror para ele, revelando painéis belissimamente horrendos e perturbadores.

Já em uma perspectiva mais próxima do que apontei, Durval Ramos, do site *Canaltech* (2024), fala sobre como o foco de Junji Ito no terror psicológico está no sentimento de desconforto e na ideia de que a história que acompanhamos parece seguir para um fim onde apenas restará loucura e desespero. Durval Ramos (2024) também fala sobre como o mangaká usa situações absurdas para quebrar a vida cotidiana dos personagens, o que nos faz olhar para coisas comuns com uma perspectiva totalmente diferente após ler alguns de seus contos. Sem falar, claro, do *body horror* que Junji Ito usa, principalmente em obras como *Tomie*, trazendo traços corporais absurdos e grotescos, além de brincar com medos específicos, como claustrofobia, talassofobia e tripofobia. Já uma citação peculiar, feita por Junji Ito para Matheus Bianezzi, do *IGN Brasil* (2023), traz uma reflexão aprofundada sobre a construção do horror para um escritor. Nas palavras do próprio mangaká: “Eu acho que essencialmente sou uma pessoa negativa. Quando eu era mais jovem, isso era mais acentuado, mas com o passar dos

anos fiquei mais descontraído. Talvez possa se dizer que eu mudei para uma personalidade relativamente positiva, mas não acho possível desenhar o horror sem uma negatividade subjacente” (Ito, 2023).

Ainda mais recentemente, Junji Ito acabou vindo ao Brasil, para a CCXP 2023, a Comic Con Experience em São Paulo. Nesse grande evento, além de responder várias perguntas de sites e canais brasileiros e se aproximar dos fãs, ele conheceu o icônico Maurício de Sousa, acabando por encher uma parte da internet com esse encontro espetacular de quadrinista e mangaká. O encontro se deu, de acordo com Giuliano Peccilli, do *Portal Nipon Já* (2023), pela Editora Pipoca e Nanquim nos bastidores do evento. E Giuliano Peccilli (2023) ainda menciona que essa editora não só publicou edições do Horácio em formato completo como também é a editora com mais títulos de Junji Ito no Brasil. Giuliano Peccilli (2023) ainda menciona que houve uma troca de presentes com Junji Ito recebendo lembranças do Cebolinha e do Horácio e Maurício de Sousa recebendo a edição traduzida de *Dismorfos: Seleção de Contos Favoritos de Junji Ito* (de 2023). E como Giuliano Peccilli (2023) disse: “Ambos palestraram no CCXP, sendo que Maurício de Sousa apresentou novidades como os filmes da Turma da Mônica Jovem e do Chico Bento. Já o Junji Ito estava bastante surpreso com a sua popularidade no Brasil, inclusive com outras atrações internacionais que queriam conhecê-lo pessoalmente”. Já Junji Ito, de acordo com Eduarda Porfírio, do jornal *O Povo* (2023), assistiu a trechos dos filmes *Zé do caixão*, *O cemitério das almas perdidas* e *A mata negra*, comentando sobre o que achou dessas obras. Nas palavras de Junji Ito (2023): “Gostei muito e acho que é cada vez mais importante levar o horror brasileiro para o Japão. Acho que o terror brasileiro está cheio de criaturas encantadoras”. Acredito que essa citação mostre que esse nosso vasto país, repleto de lendas, mitologias e histórias, realmente pode criar narrativas assustadoras e sinistras, dignas de se tornarem excelentes obras de terror e horror.

Com relação ao próprio autor Junji Ito, em algumas entrevistas, ele revelou certos detalhes interessantes tanto de sua vida quando de medos pessoais e até uma experiência quase sobrenatural. Conversando com Fábio Garcia, do portal *Splash UOL* (2023), Junji Ito mencionou que, apesar de ter vários medos, como de fantasmas, algo que o aterrorizava era a ideia de um dia acabar indo para a frente de um combate militar, pois desde jovem já tinha ouvido histórias de pessoas que foram para a guerra e morreram lá. Com relação a uma outra pergunta, feita por Fábio Garcia, a respeito de um dos medos de Junji Ito, que já havia sido falado em outras entrevistas, o mangaká afirmou que continua com a mesma opinião: *Tubarões*. Nas palavras do próprio Junji Ito (2023): “Na época do ensino fundamental eu assisti àquele

filme do [diretor Steven] Spielberg, 'Tubarão', e foi um grande sucesso na época. E na verdade, depois disso comecei a pensar como deve ser a pior coisa que existe morrer comido por um tubarão”. E isso até pode parecer engraçado de se pensar, pois em meio a tantas histórias bizarras, perturbadoras e desconcertantes, Junji Ito sente medo de duas coisas que estão diretamente ligadas ao mundo real e concreto. Claro que esses medos não devem ser desmerecidos também, pois são ideias bem aterradoras, mas é interessante que Junji Ito, alguém com um vasto currículo de histórias assombrosas, acabe tendo medos que até poderiam ser chamados de “normais” ou “convencionais”. Honestamente, eu teria muito mais medo de um dia acabar em histórias com mulheres-pássaro que podem criar paradoxos temporais, uma espécie de vírus que poderia me prender por milênios em sonhos ainda estando consciente ou a ideia de haver uma pessoa escondida dentro de uma poltrona da minha casa. E, sim, todas essas são premissas que o autor explora em algumas de suas obras.

Já se tratando de sua vida pessoal, Junji Ito (2023) nos forneceu duas citações, uma sobre os seus dois gatos e outra sobre um cachorrinho que acabou adotando a pedido de sua filha mais nova. Nas palavras do mangaká (2023): “Para falar a verdade, tenho dois e eles não gostam muito de mim, sabe?”, sendo essa a citação sobre seus gatos, e “Agora tenho um cachorrinho mais novo, porque minha filha mais nova quis. É pequenininho. Só que quando ele está comigo, os gatos não querem saber de mim. Quando o cachorro não está, só um deles vem perto e eu consigo acariciá-lo”, sendo essa a citação sobre seu cachorrinho. Inclusive o mangaká fala que essa situação sobre seu gato agora vir pedir carinho é tratada por ele como uma vitória, pois antes eles eram distantes com relação a ele, nunca lhe dando atenção. E, chegando ao tópico final, temos uma das únicas experiências, de certa forma, sobrenaturais do autor, que fala não ter visto nada fora do comum em sua vida. Nas palavras de Junji Ito (2023) para a revista *Splash UOL*:

Infelizmente, eu nunca testemunhei algo que fosse paranormal. Certa vez, quando eu era criança, os padrões formados pelos veios de madeira no teto da antiga casa de madeira de meus pais começaram a parecer um rosto humano, e eu fiquei debaixo das cobertas e não consegui sair de lá, mas isso não foi um caso de evento paranormal.

E olhando por um lado, até irônico, essa poderia ser facilmente uma premissa estilo Junji Ito para um conto de terror e suspense, com uma casa ganhando vida ou alucinações de um protagonista vendo faces em sua residência feita de madeira.

Para falar a verdade, antes de fazer essa citação final sobre o possível conto que essa experiência, de certa forma assustadora, poderia gerar, eu não tinha lido o mangá *Fragments*

*do horror*, de Junji Ito (2017). E o motivo de citar isso é que nesse livro de capa dura, o segundo que adquirei, temos uma premissa de uma mulher que se sente atraída por uma casa, que acaba por ser dada como patrimônio histórico, onde vive um pai com sua filha. Ao longo de várias situações estranhas, o final do conto termina com a residência ganhando vida, criando olhos por toda a sua parte interna, além de começar a desenvolver o que parece ser um corpo, obrigando a família a abandonar o lugar. Pode ser que não, mas acho bem engraçado pensar que esse conto poderia ter sido inspirado nessa experiência de Junji Ito.

### **Quem está do outro lado da parede**

Sobre uma de suas obras, eu gostaria de trazer uma das narrativas do livro *Contos de horror da Mimi* (2022) que me fez refletir sobre como criar uma narrativa que possui duas formas de interpretação diferentes, que funcionam quando lidas individualmente, assim como podem se complementar quando analisadas juntas.

O conto “A vizinha” ou “A mulher ao lado” começa com Mimi, uma jovem que está morando em uma habitação coletiva com dois andares e três apartamentos por andar. Ela narra que as paredes eram finas demais devido à idade do prédio e que sempre podia ouvir o rádio do vizinho de cima, algo que a incomodava profundamente. Então, quando ela decide um dia subir para reclamar com o morador de cima, ele diz que não fazia tanto barulho e que nenhum vizinho reclamou. Mimi sugere perguntar à pessoa que morava ao lado, mas, enquanto ela batia na porta, o homem cita que aquele quarto sempre era vazio, como se ninguém morasse lá, mesmo que ele já tivesse ouvido a porta se abrindo. Quando ela volta a discutir com ele, uma mulher então sai do suposto quarto vazio, sendo baixinha e vestida completamente de preto, de uma forma que era impossível ver qualquer parte do seu corpo. Após a vizinha estranha sair, a outra moradora do segundo andar aparece e diz que os dois jovens estavam fazendo muito barulho. O morador com o rádio barulhento então fecha sua porta e Mimi vai até essa vizinha, a questionando sobre o barulho. Ela fala que como mora longe não poderia dizer que o som a incomodava e que Mimi deveria perguntar para a vizinha do lado. Então, quando Mimi menciona que a mulher já saiu, a vizinha fala que ainda deve ter alguém ali, pois já viu mulheres de alturas diferentes, mas sempre com as mesmas vestes pretas, saindo daquele apartamento, sugerindo que deveriam ser três irmãs. E, como ela mesma cita, três irmãs estranhas. Mimi acaba não conseguindo resolver seu problema e volta para seu apartamento no andar de baixo. Algum tempo depois, ela menciona que o barulho do rádio parou, estranhando o comportamento do seu vizinho de cima, mas aceitando sem questionar, pois, assim poderia

estudar melhor. Entretanto, um tempo depois, ela encontra o morador de cima, com quem teve a discussão, agachado no chão e parecendo perturbado. Quando ela começa a falar com ele, o vizinho pergunta se ela sabe o que são as três mulheres do andar de cima. Mimi menciona que não sabe e ele continua falando que não entende que vida elas levam, pois em um prédio como aquele, caindo aos pedaços, seria possível ouvir elas conversando ou fazendo qualquer coisa, mas nem sequer ouvia sons de passos. Então, quando parecia que ele ia dizer algo importante, uma das irmãs de preto aparece, uma bem alta, e o assusta, fazendo ele parar de falar.

A vizinha estranha não diz nada e apenas os encara para depois andar pela escada e entrar no seu andar. O homem continua a murmurar sobre elas, até que durante a noite Mimi diz ter ouvido um grito no andar de cima, percebendo que o vizinho do rádio se mudou repentinamente, no meio da noite, como se estivesse fugindo de algo. Mesmo achando o comportamento dele estranho, ela diz que falou com o síndico e pediu para ser transferida para o andar de cima, acreditando que seria melhor e mais tranquilo. No dia da mudança, durante o sobe e desce dos móveis pela escada, Mimi acaba esbarrando em uma das irmãs de preto, derrubando as compras que a mulher levava para casa. Mimi decide juntar tudo para a ajudar, mas a irmã sinistra apenas se move rapidamente para o seu apartamento, tentando entrar nele. Antes de conseguir entrar, Mimi a segura e temos a revelação de que o pulso dessa irmã de preto era uma chapa de metal, aparentemente sem carne ou ossos. No entanto, ela rapidamente afasta Mimi e entra em seu apartamento sem dizer nada. De noite, Mimi e seus amigos discutem, pensando que poderia ser uma prótese ou algo parecido.

Contudo, a jovem afirma que a mão dela segurou muito firme na maçaneta para ser uma prótese. O namorado de Mimi então sugere que ela pode ter se confundido e que ele acreditava que aquilo era apenas um bracelete, o que deixa Mimi com uma certa dúvida sobre o assunto. À noite, quando estava sozinha, Mimi começa a pensar sobre o que aconteceu, quando ela repara em um buraco na parede, que chama sua atenção. Ao se aproximar, ela diz que ele poderia ter sido feito pelo vizinho anterior, talvez para tentar espionar as vizinhas. Impulsionada por sua curiosidade, ela se posiciona para poder ver o quarto das irmãs, percebendo que uma delas parecia mexer em algo. A vizinha então começa a mexer em seu braço, composto por uma chapa de metal com parafusos, que ela desacoplava com uma chave de fenda. Dessa maneira, a mulher repentinamente estica a chapa do seu braço e começa a fazer o mesmo com a perna, conseguindo mover seus dedos e pés como se realmente fossem parte de um corpo articulado. Enquanto observava, Mimi então entende que na verdade existia apenas uma vizinha e que ela

conseguia mudar sua altura para parecer que havia mais pessoas morando ali. Nisso, ela acaba suspirando de surpresa e medo, sendo percebida pela mulher.

Após se afastar do buraco, Mimi ouve um som estranho e uma chapa de metal abre um buraco ainda maior, começando a se mexer como se tentasse localizar a garota ou a nocautear. Rapidamente a jovem empurra um móvel para cobrir o buraco, sentindo-se mais aliviada. A vizinha, parecendo persistente, sai e começa a bater na porta de Mimi, mas ela se acalma ao lembrar que estava bem trancada. Então quando ela ouve o som da mulher descendo as escadas, Mimi consegue se acalmar, questionando-se para onde a estranha mulher foi. Indo até a janela e a abrindo, ela dá de cara com a mulher bizarra que agora estava na mesma altura o seu apartamento, possivelmente alcançando quatro ou cinco metros de altura. A vizinha então se agarra na janela e parte para cima de Mimi. Com toda a movimentação, os óculos caem do rosto da mulher estranha, revelando que na verdade não havia nada ali, além de um sobretudo e um chapéu. Uma mulher sem face alguma composta por chapas de metal que podia mover perfeitamente seu corpo. Mimi diz que após isso ela desmaiou, mas nada lhe aconteceu, falando que a estranha vizinha continuou a morar ali como se nada tivesse ocorrido. Além disso, Mimi faz questão de deixar claro que pretende se mudar o quanto antes daquele lugar.

### **O que tudo isso significou**

Após a leitura do resumo desse conto, acredito que algumas perguntas fiquem no ar e na minha busca por respostas, acho que encontrei coisas interessantes.

Figura 1 — Primeira aparição da Vizinha



Fonte: Junji Ito (2022, p. 18): *Contos de horror da Mimi*

A respeito do conto “A vizinha” ou “A mulher ao lado”, pois temos o primeiro nome em uma capa antes do conto e o segundo no sumário do livro, gostaria de citar as ilustrações de Junji Ito, que sempre se mostram excelentes, mas aqui podemos ver que ele fez uso das cores do mangá para transmitir uma possível ideia sobre os personagens. Na Figura 1, temos a primeira aparição da estranha vizinha, em que há um contraste perceptível em relação às cores preto e branco. Claro que como se trata de um mangá, os tons usuais são estes, mas eu ressalto que durante todo o conto temos poucas cenas com tonalidades mais escuras, algo que eu relaciono diretamente com essa enigmática personagem. Até porque quando aprendemos sobre composição de cena em ilustrações, existe algo chamado Valores, que é exatamente quando você cria um ponto específico na sua obra que vai de encontro oposto com as cores a sua volta, como fazer uma armadura toda azul e botar algumas joias vermelhas que vão acabar inicialmente chamando mais atenção do que a própria armadura. E esse contraste no conto parece ter o propósito de ressaltar a presença da vizinha, ainda que existam cenas e personagens com tons mais escuros, como o próprio vizinho da Mimi, visto na Figura 1, que possui seu cabelo na cor preta. Apesar disso, eu vejo esse uso dos tons escuros como uma forma de Junji Ito nos mostrar essa figura da vizinha como algo que não pertence àquele lugar, quase que como se nos passasse a ideia de que ela é uma ameaça. De certa forma, bem na linha oposta do que vemos em alguns animais da natureza, onde eles tentam se mesclar ao ambiente para passarem despercebidos.

Figura 2 — Na altura da janela



Fonte: Junji Ito (2022, p. 40): *Contos de horror da Mimi*

Ainda comentando sobre o contraste do conto, gostaria de mostrar como essa ideia parece se comprovar na Figura 2. Aqui, em uma das cenas finais do conto, temos a vizinha esticando seus membros e chegando até a janela de Mimi, no segundo andar do conjunto habitacional, destacando muito mais os tons de preto e de cinza escuro. Eu acredito que esse contraste agora sirva para mostrar que vizinha não parece mais ser uma figura deslocada e estranha, mas sim um ser que domina o ambiente à sua volta, ao contrário de Mimi, que fica bem destacada na cena. Até porque, a personagem que agora cria um contraste evidente é a jovem em sua janela, pois tudo à sua volta é preenchido com tons de preto e cinza escuro. Assim, o contraste não só serve para criar belas ilustrações, como também para passar uma sensação de que quando temos tons claros e cinzas, o cenário em que quase todo o conto se passa, a vizinha não representa uma ameaça real. Já quando a noite chega e os tons se tornam escuros, a vizinha parece se mesclar entre eles dando a impressão de que ela pertence àquele lugar.

Figura 3 — Corpo verdadeiro



Fonte: Junji Ito (2022, p. 32): *Contos de Horror da Mimi*

Entrando mais a fundo na ideia da personagem da vizinha, acho que aqui temos uma interpretação que pode ser vista de duas maneiras distintas. Se formos ser literais, o que Mimi viu possivelmente foi um espírito ou criatura incorpórea que precisa das chapas de metal e das peças de roupa para criar um corpo, estando preso e assombrando aquele conjunto habitacional. Porém, indo além dessa ideia, eu acho que a personagem poderia ser a representação de um conceito que chamarei aqui de Vizinho Estranho. E, para explicar a escolha desse nome, eu gostaria de trazer o significado da palavra *vizinho*, que se define como “que está próximo” ou “que mora perto”, de acordo com a 4ª Edição do novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2009), enquanto a palavra *estranho*, de acordo com o mesmo dicionário citado antes, significaria “singular”, “desconhecido” ou “indivíduo que não conhecemos”. Escolhi essas palavras para a representação dessa ideia porque elas funcionam perfeitamente para o conto, pois a vizinha mora exatamente ao lado, próxima, de Mimi e é uma figura que não conhecemos, apenas sabendo que ela está ali. Além de que se formos analisar a ideia de um vizinho comum, podemos ver certos traços que são extremamente opostos aos dessa vizinha que vemos no conto. Geralmente quando temos um vizinho que conhecemos, acabamos por desenvolver um vínculo ou laço com ele. Por exemplo, existem vizinhos, como os meus, com os quais eu convivi, já

tendo ido na casa deles, tendo recebido e dado presentes como bolos, além de saber seus nomes, o que fazem e como vivem. Entretanto, a vizinha do conto e o conceito Vizinho Estranho vão na linha oposta, podendo facilmente ser definidos como figuras cujos nomes não sabemos, cujas aparências desconhecemos, além de nunca termos ouvido suas vozes, nunca termos falado com eles e nunca termos percebido suas presenças, como na cena em que o personagem que morava ao lado da vizinha diz que nem sabia se alguém morava naquele apartamento. E ainda podemos citar dois elementos que a vizinha do conto apresenta e que também estão relacionados com o conceito que eu citei antes. O Vizinho Estranho pode apresentar dois padrões de comportamento, sendo um deles o mais distante e o outro o mais agressivo.

Como vemos no conto, a vizinha começa nos apresentando o padrão de comportamento distante e de isolamento, pois nunca fala com ninguém e parece ao máximo evitar contato físico ou interações, agindo de maneira fria e grosseira com as pessoas à sua volta. Já o padrão de agressividade não é exatamente visto na vizinha do conto, mas podemos citar que ela de certa forma agiu de maneira passiva agressiva quando atacou a Mimi, indo até a sua porta e logo depois invadindo seu apartamento pela janela. E, a meu ver, essa ideia parece ser exatamente o que Junji Ito quer nos passar nesse conto, muito mais querendo apresentar uma ideia conceitual do que mostrar um monstro. Bem no estilo que eu mencionei antes sobre o terror que ele desenvolve em suas histórias, pois nada mais assustador do que uma figura misteriosa e sinistra que está a poucos centímetros de distância de você. Além de que, podemos criar uma relação direta do corpo da vizinha, ou da falta dele, com a ideia do Vizinho Estranho. Como podemos ver, a vizinha aparece com tons no conto que vão sempre a destacam, mostrando que ela parece não pertence àquele lugar, como alguém que não quer estar ali ou que mesmo querendo passar despercebido acaba sendo bem notável quando surge. Fora que o conceito de poder modificar sua altura, como visto na Figura 3, e a ideia de não possuir um rosto, como visto na Figura 4, vão de encontro direto a essa ideia. Para explicar, quando vemos essas características, podemos deduzir que Junji Ito quer nos mostrar que a vizinha poderia ser qualquer pessoa, pois teria qualquer altura, indo da mais baixa até a mais alta, e poderia ter qualquer face que acabássemos imaginando, ou até mesmo nos mostrando que esse vizinho seria tão distante de nós que nem saberíamos como ele é. Fora que o fato dela não falar reforça a ideia de não sabermos qual sua voz, podendo assim também representar qualquer pessoa.

Figura 4 — Apenas um aviso



Fonte: Junji Ito (2022, p. 42): *Contos de horror da Mimi*

Aqui na Figura 4, novamente, podemos ver essa ideia de que a vizinha não teria uma face, sendo apenas um amontoado de roupas, que seria como a veríamos quando ela cruzasse nosso caminho, além de uma ideia interessante que vou desenvolver e explicar. Nos quadros finais, Mimi nos conta que acabou apagando durante o “ataque”, porém a vizinha não lhe fez nenhum mal e apenas continuou vivendo sua vida como se nada tivesse ocorrido. Para mim, essa citação fala muito mais do que apenas dizer que essa criatura ou figura não seria cruel ou má. O que acontece é que quando Mimi acaba espiando através do buraco, como visto na Figura 3, no segundo painel, lendo da direita para a esquerda, ela acaba vendo “algo que não deveria ver”, assim por dizer. Claro que a primeira ideia seria apenas dizer que ela acabou vendo o corpo estranho da vizinha e isso causou a série de eventos que desencadeou no final. Mas o que me intriga é esse “algo” e o que seria esse “segredo”, assim por dizer, que Mimi realmente teria descoberto. Podemos imaginar que esse suposto segredo, olhando diretamente para o que é mostrado no conto, poderia apenas ser algo relacionado ao corpo dessa mulher, como uma deformidade, deficiência ou coisa parecida. Analisando dessa forma, podemos imaginar que essa vizinha de Mimi era sim uma pessoa normal e o conto funciona como uma representação sobre como seria a convivência de uma pessoa que acabou de descobrir que possui um Vizinho

Estranho. Mas, para reproduzir essa figura, Junji Ito usa de métodos abstratos, criando uma criatura sem face, que pode se esticar até onde quiser e que apresenta uma natureza de autopreservação no que se refere a sua privacidade, não deixando ninguém se aproximar dela.

E a ideia desse “ataque” feito contra Mimi poderia ser visto como uma maneira um tanto passiva agressiva da vizinha apenas dizer para Mimi ficar longe das coisas que não lhe diziam respeito, como esse segredo. Existem para mim algumas hipóteses e fica no ar se esse segredo era algo pessoal da vizinha, se era algo do qual ela tinha vergonha ou ainda por cima se era algo do qual ninguém deveria saber, talvez até mesmo em um nível criminal e ilegal. Podemos assumir que por ela estar mexendo em seu corpo, o segredo poderia estar ligado a alguma deficiência ou algum acidente, mas a maneira como a vizinha “ataca” Mimi parece indicar que o segredo ia muito além de algo comum, talvez até representando que a vizinha estava cometendo crimes, como, em uma hipótese minha, traficando ou guardando partes de cadáveres, com essa sendo a ideia abstrata que Junji Ito talvez queira nos passar com ela mexendo em seu corpo e o distorcendo.

Figura 5 — Voltando das compras



Fonte: Junji Ito (2022, p. 26): *Contos de horror da Mimi*

Por fim, para corroborar com a minha ideia da vizinha ser sim alguém normal que representaria a ideia do Vizinho Estranho, eu trago a Figura 5, na qual temos um momento de encontro entre as duas, onde Mimi acaba esbarrando na vizinha, fazendo ela derrubar as compras que estava trazendo. Entretanto, qual seria o motivo da vizinha ter comprado frutas e enlatados e os estar levando para sua casa? Para mim, isso parece não fazer sentido, pois no final da história vemos que a ela não possuía face ou boca, dando a entender que ela não precisava se alimentar. Além de que ela não parecia precisar provar que era um ser humano de verdade para ninguém, pois ela não falava com os vizinhos, não interagia com nenhum outro personagem e não havia ninguém a vigiando, como se esperasse que ela revelasse sua verdadeira natureza “monstruosa”. Fora que não parece ser possível dela ter feito a compra desses produtos. Claro que ela poderia só jogar o dinheiro no caixa, junto com o que queria, mas isso ainda não explicaria o motivo dela estar com aquelas coisas, pois não poderia fazer nenhum uso delas. Eu vejo isso como um claro sinal de que a vizinha apenas simboliza o conceito do Vizinho Estranho, que estaria vivendo em um isolamento de todas as figuras à sua volta, carregando algum segredo que ela não desejava que ninguém descobrisse. E, para mim, o segredo deveria ser sim algo terrível, como talvez a ideia de tráfico de partes do corpo ou algo similar, pois o primeiro vizinho dela, visto na figura 1, acabou fugindo do apartamento na

mesma noite em que descobriu o que ela escondia. Já Mimi acabou sendo “atacada” e, após perceber que nada aconteceu, ela disse que pretendia sair daquele lugar o quanto antes, talvez interpretando o “ataque” como um aviso de que a vizinha não a feriu, mas poderia fazê-lo quando quisesse. No fim, o segredo da vizinha ficará apenas no imaginário dos leitores, que poderão se questionar o que aquela mulher estranha estaria fazendo em seu apartamento e que tipo de vida ela levava.

### **Um final que ainda terá muitos começos**

Acho que como forma de fechar as ideias que desenvolvi, gostaria de citar que a meu ver Junji Ito realmente se destacou nessa nova fase de histórias de terror e horror, ainda que ele tenha começado a criar histórias há 30 anos. O cenário do terror e horror atual precisou se reinventar e tentar trazer novas ideias, já que muitas das coisas que foram usadas nas primeiras histórias com esses dois gêneros não conseguem mais afetar os públicos de hoje. Claro que isso poderia ser dito de vários gêneros, mas acho que o terror e o horror acabaram ficando meio nichados, ainda mais em relação ao terror literário e gráfico. No cinema, ainda é possível tentar apelar para os sustos com som alto e com figuras repentinamente pulando na tela, mas as limitações de livros e quadrinhos sempre exigiram uma construção mais densa da narrativa, assim como, no caso dos quadrinhos e mangás, daquilo que iriam ilustrar. Até porque, em alguns casos o que é descrito em um livro pode não ser possível de se traduzir em figuras gráficas.

Para mim, nesse cenário de inovação e redescobrimto do terror e horror, Junji Ito conseguiu nos trazer histórias com temas inusitados que acabam se tornando aterrorizantes, assim como nos lembrar daquela velha ideia de um terror ou horror que não podem ser combatidos, mas sim que precisam ser evitados a todo custo. Suas histórias possuem esses dois lados que brincam com esses gêneros, no qual, para mim, um se torna mais representativo enquanto o outro se torna mais desconcertante. No terror representativo de Junji Ito, o que mais se destaca é a forma como a narrativa liga o medo a situações reais que ultrapassam a compreensão dos personagens, os levando à loucura e à perdição, pois não são capazes de lutar contra aqueles seres ou forças amedrontadoras. Já no seu horror desconcertante, o mangaká consegue trazer painéis que farão os leitores sentirem repulsa do que estão vendo, desejando passar para a próxima página, assim criando uma sensação de temor, pois nunca vão saber onde a ilustração perturbadora estará. Acredito que as obras de Junji Ito não sejam para todos, pois a forma como ele escreve e desenvolve sua narrativa foca muito mais nos eventos, na

representação narrativa e visual, além de, a meu ver, tentar fazer o leitor pensar profundamente sobre aquilo que viu para entender de fato a história, que nunca vai lhe dar todas as respostas em apenas uma leitura.

Espero muito mais de Junji Ito e estou ansioso por suas novas obras. Acredito que sua capacidade para criar criaturas, entidades, situações ou apenas histórias que buscam ir além do que podemos ver é excepcional. Certamente ele inspirará muitos outros leitores, escritores e ilustradores, como eu que me encaixo nesses três tipos, assim como poderá, no futuro, ser citado como um dos grandes gênios do terror e horror dessa nova era que estamos vivendo com esses dois gêneros.

### 3 O TERROR DAS NOITES SEM LUA

Neste capítulo criativo eu apresento o conto intitulado “No cair da loucura”. Esse é o primeiro conto de um livro chamado *O terror das noites sem lua*, uma coletânea que contará com 5 contos meus. Algo a se destacar, entre todos os contos, é a temática voltada para o horror e terror, muitas vezes trazendo elementos de horror corporal, criaturas sobrenaturais e terror psicológico.

Falando um pouco de cada narrativa, podemos começar com o primeiro conto, “No cair da loucura”, que acompanhará o dia de Danilo, um jovem do ensino médio que, após acordar de um pesadelo aterrador, descobre que Tomas, seu melhor amigo de infância, tinha desaparecido, assim como as provas de sua existência. Nisso, ele começa a sentir uma sensação desconfortável e uma paranoia, talvez sendo causadas por algum motivo psicológico ou incompreensível que ele precisará enfrentar.

Já o conto dois, “A beleza oculta”, narra o começo de uma paixão de um jovem universitário por uma colega, que enigmaticamente sempre usa uma máscara cirúrgica em sua boca. Contudo, essa paixão começa a resultar em uma obsessão, o levando a invadir o banheiro feminino para se esconder e ter a chance de vislumbrar o que ela escondia, descobrindo um segredo macabro daquela garota que ele jamais esqueceria.

O conto três, intitulado “Por que eu odeio pássaros”, trata da história de um garoto que durante toda sua vida odiou e teve medo de pássaros, contando que adquiriu um trauma na sua juventude, quando ele e seu melhor amigo acabaram entrando em uma floresta para fotografar a natureza. Nisso, eles acabaram vendo uma cena grotesca, que certamente não pertencia àquele mundo, de aves estranhas devorando cadáveres e posteriormente os perseguindo, restando apenas o protagonista como sobrevivente daquele dia, tendo sido atormentado pela sensação de que os pássaros sabiam que ele conhecia seu segredo.

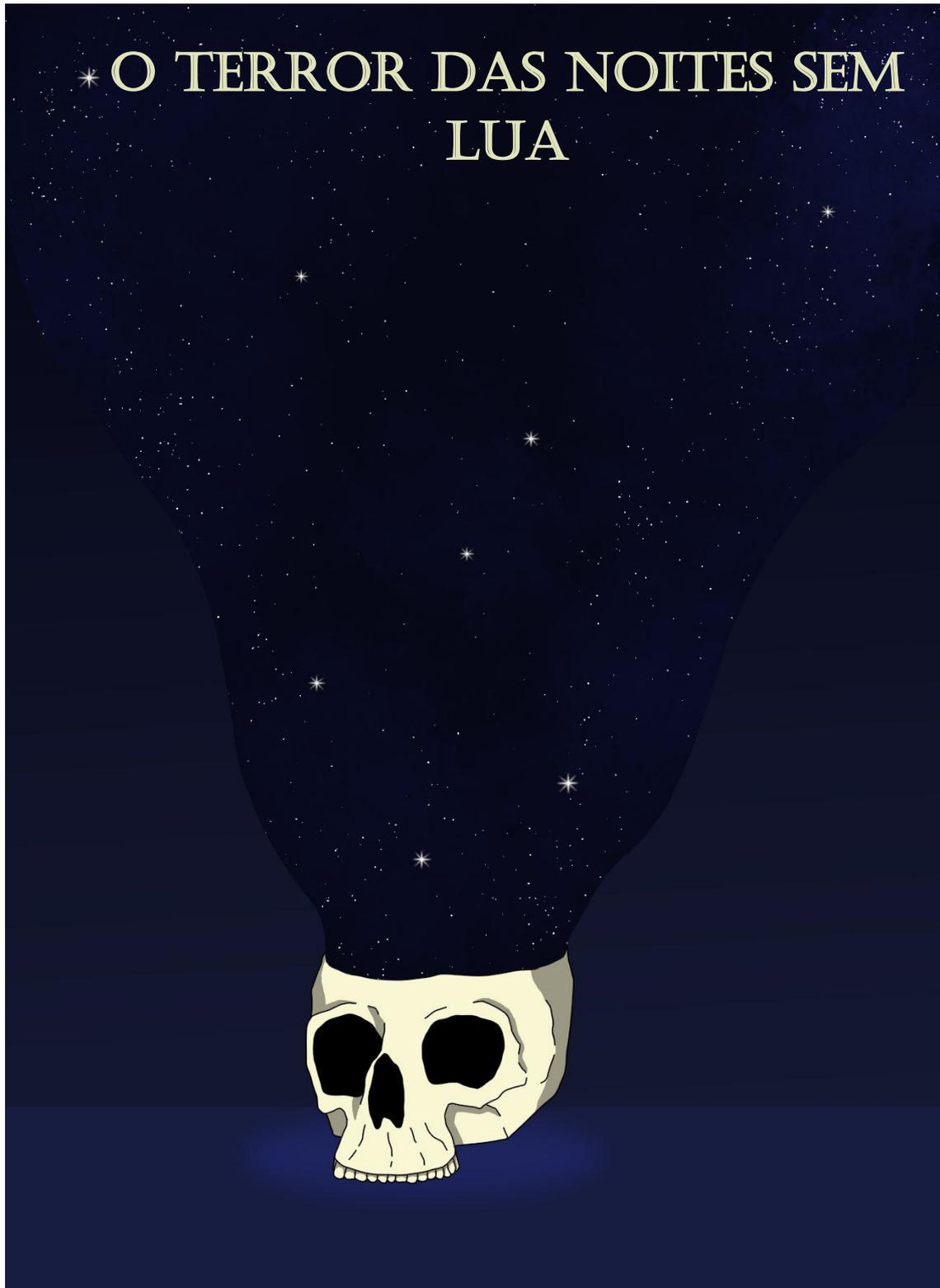
“Preserve a natureza” é o quarto conto e é um registro deixado para trás por uma jovem que estava tentando entender o mistério por trás de uma propaganda que passava nas televisões da sua cidade, falando sobre a revitalização de uma floresta que há muito tempo foi explorada e devastada. Junto a isso, ainda começaram a ocorrer alguns desaparecimentos misteriosos que pareciam não causar nenhum impacto nos cidadãos, restando apenas essa jovem para entender essa estranha sequência de eventos.

Por fim, o conto cinco, “Meu caro amigo imaginário”, conta a vida de um garoto que, na falta de amigos, acabou criando um amigo imaginário quando ainda era mais novo, tendo

em vista que todos a sua volta se preocupavam com a falta de manejo social do garoto e os impactos que isso poderia lhe causar. Porém, com o passar do tempo e do seu crescimento, ele foi fazendo novos amigos e deixando aquele amigo imaginário para trás, o que parece ter o irritado, levando à morte de várias pessoas próximas ao garoto, terminando com ele como suspeito do assassinato dos próprios pais, dizendo que havia sido seu amigo que cometeu os crimes e que eles só não podiam o ver.

Alguns contos teriam a função de explorar a hipótese de uma dupla interpretação, com alguns eventos podendo ser obra de seres maiores e invocações inconscientes ou apenas metáforas para acontecimentos macabros que teriam acabado por marcar os personagens e os fazer imaginar as coisas de maneira diferente. Já outros teriam uma abordagem bem mais insólita e inclusive acabariam por ter a função de apresentar uma ideia ou conceito, fazendo com que cada evento funcione muito mais como uma forma de influenciar e mexer com a mente dos personagens ao se depararem com uma realidade distorcida onde parece que apenas eles conseguem entender ou onde eles infelizmente acabaram esbarrando ou se jogando cegados por desejos.

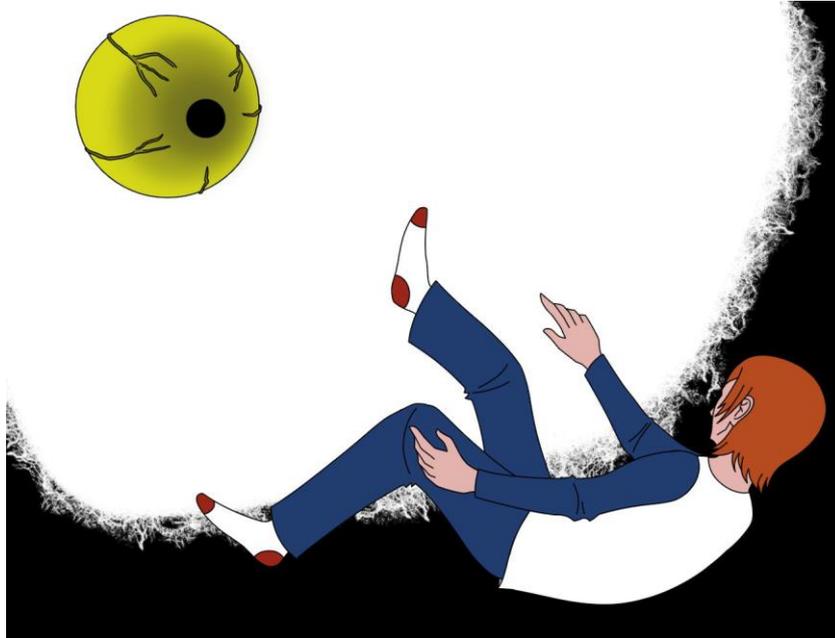
Cada conto também contará com ilustrações feitas em estilos gráficos diferentes, variando de *cartoons*, estilos mais realistas, aquarelas, rabiscos com cores e outros. Ademais, cada conto terá três ilustrações, pelo menos, sendo que elas poderiam abrir a história, aparecer antes do evento que irão representar ou serem usadas no final para causar um impacto, por estarem representando uma ideia que foi da forma escrita para o estilo gráfico.



O TERROR DAS NOITES SEM LUA

## SUMÁRIO

No Cair da Loucura.....	9
A Beleza Oculta.....	24
Por que Eu Odeio Pássaros.....	26
Preserve a Natureza.....	33
Meu Caro Amigo Imaginário.....	49

*NO CAIR DA LOUCURA*

Logo que abri os olhos, senti uma sensação perturbadora percorrer todo o meu corpo, enquanto me afogava em um abismo de cores vazias e inabitáveis. Cada vez que tentava subir, nadando em meio à essa vastidão de uma única cor, me via sendo empurrado ferozmente por aquilo que eu só poderia chamar de Olho Amarelo. Como uma pintura grotescamente abstrata, vi o que um dia poderia ser reconhecido como um olho, que me observava e me fitava com sua cor que me fez lembrar de memórias degradantes e me transmitiu uma sensação de nojo e repulsa. Então, quando não consegui mais subir, percebi que meu corpo estava sendo contorcido, como se uma pressão esmagadora estivesse sobre mim. Cada parte de mim, minha carne, meus ossos, até consegui sentir minhas veias estourando, comigo ainda consciente de tudo, de cada pontada de dor e cada reação de terror, me vendo vigiado por aquele olho.

De repente, caí da minha cama, dando de cara com um piso de madeira e sentindo uma forte dor no meu nariz, antes de gritar um palavrão que fez até meus pais no piso inferior ouvirem.

— Está tudo bem, Danilo? — indagou minha mãe, no andar de baixo.

— Sim, — disse tocando o meu nariz, ainda sensível após a queda. — Eu só caí da cama.

— Okay.

Ela então pareceu voltar para o piso inferior, enquanto eu ia até o meu banheiro, me olhando no espelho. Percebi meus cabelos ruivos desarrumados e um grande avermelhado no meu nariz, que pelo menos não estava sangrando, apesar de doer cada vez que eu respirava.

— Nada como começar o dia com a cara no chão, ao invés do pé esquerdo — ri do meu próprio deboche, voltando para o quarto.

Por um segundo, quando ia em direção ao meu computador aberto, senti algo, como um calafrio na espinha e instintivamente me virei para olhar na janela, como se algo estivesse ali. Fui até ela, mas apenas vi meu vizinho, o senhor Mallar, fazendo carinho no seu cachorro, ou como eu preferiria definir, a fera indomável que apenas recebe ordens de um velho tão rabugento e colérico quanto ela própria, latindo para algumas pessoas que passavam.

Passado meu devaneio, comecei a arrumar minhas coisas para ir à escola. Arrumei meu quarto que estava mais desorganizado do que uma casa de fraternidade de filme genérico norte-americano e conferi se a tábua de madeira do piso estava firme, afinal, não era para ninguém entrar ali e topar acidentalmente com o segredo embaixo dela. Ri um pouco pensando naquele dia e terminei a arrumação desligando meu computador, que ainda estava aberto em uma creepypasta que eu e Tomas passamos a noite anterior inteira explorando. Dentes não crescem como árvores, era a frase mais marcante que essa história de horror tinha me mostrado. Basicamente algo sobre uma maldição que fazia as pessoas começarem a ter dentes em excesso, até que elas eram dominadas pelo desejo de consumir carne humana e por aí vai. Tinha uns vídeos estilo VHS maneiros, mas também ficou bem maçante, como a maioria. Pelo menos não vou esquecer dessa frase tão cedo.

Quando cheguei ao andar de baixo, logo passei por minha irmã e roubei uma torrada que ela estava comendo, apenas para irritá-la, já que tinha passado a noite de ontem assistindo televisão só para eu não poder ver nenhuma série.

— Acordou bem hoje? — ela riu apontando para o nariz.

— Pelo menos eu não nasci com a minha cara torta — debochei, mostrando a língua para ela.

— Idiota.

— Besta.

— Ei! Parem os dois — disse o meu pai.

— Certo... — falamos simultaneamente.

— Filho, já não está na hora de você ir pegar o ônibus da escola?

— Verdade! — tomei até um susto quando percebi o horário e que faltavam apenas cinco minutos para o maldito ônibus passar — Vou indo. Tchau família. E tchau trouxa de cara torta.

Não consegui ouvir bem o que minha irmã grita para mim, mas sei que pelo menos ferrei com ela, porque minha mãe a repreendeu para não usar aquela palavra, alto suficiente para eu ouvir do lado de fora de casa. No meu caminho até o ponto de ônibus, percebi algo esquisito, com algumas pessoas de longe, parecendo que estavam olhando para mim. Era meio estranho, mas eu também pararia para ver alguém que do nada começou a correr freneticamente, como se estivesse super mega atrasado para alguma coisa. O que era o meu caso.

Quase nem consegui pegar o ônibus, mas por sorte o Douglas sempre sabia que eu acabaria chegando em cima da hora e me esperava por algum tempo antes de ir.

— Sempre em cima da hora, né, garoto — disse o motorista.

— Sabe como é, né, Douglas.

— Não sei não. Diferente de você eu tenho horário.

Rimos e eu fui me sentar em algum assento e mexer no celular, já botando os fones no ouvido para escutar música. Comecei a vagar por algumas mensagens de grupos falando besteiras e compartilhando memes idiotas de coisas aleatórias, até que me lembrei de falar com Tomas, só para conversar com ele sobre a creppypasta dos dentes e falar como ela tinha ficado genérica, igual às outras que vimos. Afinal, ficar reclamando de algo apenas por reclamar como se fosse especialista no assunto era muito mais satisfatório do que tentar falar bem de algo ou tentar fazer melhor. Só que notei algo estranho. O número do Tomas não estava nos meus contatos. Passei por várias mensagens e coisas, mas não encontrei ele e quando procurei nos contatos do telefone, percebi que ele também não estava lá. Bem, talvez fosse algum problema, talvez ele tivesse trocado de celular ou até mesmo minha irmã poderia ter feito alguma

brincadeira. E se ela tivesse feito isso, queria dizer que ela sabia como entrar no meu celular. Comecei a trocar minha senha e mandar mensagens para ela, dizendo para não mexer nas minhas coisas, ao que ela apenas responde com um emoji do dedo do meio.

Continuei trocando mensagens com ela, até que percebi que já estava na minha parada. Desci e me despedi do Douglas, que me deu um tchau durante uma cena bem bizarra. Várias pessoas, na verdade acho que todas, que estavam comigo no ônibus estavam me observando, com caras estáticas e sorrisos estranhos.

— Falei alguma besteira e não percebi? — fiquei me questionando, durante o caminho até a escola.

Assim que entrei na sala, encontrei Travis falando com a Rebeca e a Manu. Mas nem me interessei pelo assunto, porque só de ver Travis de costas, já fui para cima dele e o abracei de surpresa, fazendo cócegas nele e dando um susto que o fez gritar, o que virou todos os olhos para nós quatro.

— Palhaço — disse ele, dando um soco de brincadeira no meu ombro. — Resolveu chegar mais cedo?

— Sabe como é. Adoro a escola, as atividades, trabalhos e, ainda mais, vocês. Imagina se eu não passo um dia sem pensar em você — ri e ele se afastou minha cara, enquanto todos rimos.

— Preparado para a revisão de hoje? Já podemos começar a formar os grupos para a prova da semana que vem, né?

— Tá falando da prova de matemática?

— Claro. E tem outra?

— Sei lá — disse. — Eu nem me lembro das aulas que temos hoje.

— Bem, — disse Rebeca — eu já planejo fazer dupla com a Manu, porque sabem, né, é ela. O cérebro do grupo.

— Mas vocês já não fizeram trabalho juntas? Agora era para ser a minha vez — disse Travis, olhando com uma certa súplica para Manu, que apenas ri dele.

— Bem, eu sei que pelo menos o Tomas vai implorar para fazer dupla comigo. Tipo, eu tenho certeza de que ele rodaria em todas as disciplinas se eu não fosse a dupla dele.

Por um momento, os três olharam para mim com uma certa estranheza, como se de novo eu tivesse dito algo de errado. Pelo menos não eram aquelas caras esquisitas do pessoal do ônibus.

— Tomas? — Travis indagou estranhando.

— Sim. O Tomas. Vocês sabem. O outro ruivo do grupo. O ruivo dois ponto zero. Inclusive minha irmã deve ter apagado o telefone dele dos meus contatos. Algum de vocês consegue me passar o número dele de novo?

— Cara, de quem você tá falando?

— Pois é... Nós só conhecemos o Marilha, mas ele não é da outra turma?

— Gente... — ri, sentindo um frio percorrer minha espinha. — O nosso Tomas. O Vilela. Eu... Eu tava falando com ele ontem mesmo.

— Cara, a gente não...

Antes de podermos continuar com a conversa, o sinal tocou e o professor logo apareceu na sala, de uma forma quase que automática, entrando enquanto os alunos se sentam nas mesas.

— Isso ainda não acabou — disse olhando para eles.

— Certo...

— Beleza.

Depois de me sentar, comecei a me indagar se aquilo seria um complô bizarro, tipo uma super mega pegadinha elaborada para me fazer achar que eu estava louco. Ou talvez pudesse ser um... Um sonho hiper mega realista? Seria? Eu já tinha ouvido falar disso, de sonhos que você teve e acabou achando que eram reais. Mas isso não poderia estar certo. Eu acordei com o computador aberto naquela creepypasta. Eu conhecia o Tomas. Já tinha ido à casa dele. Nós fomos... O dia que fomos na cidade abandonada...

Quando estava chegando em algo, o professor começou a fazer a chamada e gritar pelos nomes, até me assustando e fazendo eu dar um leve pulo da cadeira. Isso. É agora. Ele vai falar o nome do Tomas e essa brincadeira vai acabar. Ele vai pular de algum lugar e gritar alguma coisa. Ou dizer que me pegou. Ou... Ou... Isso. Vai acontecer.

— Roberto Priest.

— Presente.

— Regina Lourenço.

— Presente.

— Sandro Montes.

— Presente.

— Uriel Castro.

— Presente.

— Certo. Vamos começar com a revisão. Alguém pode me dizer...

— Espere! — eu gritei, fazendo a turma inteira olhar para mim. — O... O senhor não esqueceu alguém?

— Do que está falando, Danilo?

— O... O Tomas Vilela. O Tomas... O Tom... — por um momento até me achei idiota, porque nunca o havia chamado de Tom, mas estava disposto a tentar de tudo.

— Danilo, não temos muito tempo e não estamos com disposição para brincadeiras, por favor foque na revisão e pare com... Seja lá o que isso for.

Depois disso, passei a aula inteira aquietado na mesa, com alguns colegas olhando para mim e dando risadas. Eu sei que sempre tive fama de palhaço, mas naquele momento eu não queria aquilo. Não queria aquela atenção. Eu só queria saber o que está rolando... O que isso tudo significava.

Durante o recreio fui chamado para a sala da direção, porque eu já estava dando um certo chique e não estava focando nas aulas, além de ter saído perguntando para todos que poderiam conhecer o Tomas se eles se lembravam dele. O estranho é que todos davam respostas vagas e até mesmo alguns tinham... Tinham aquele olhar, aquela cara, como as pessoas do ônibus. Os professores acabaram percebendo e então lá fui eu. Quando cheguei, a diretora Natalina e a psicóloga escolar Susana me pediram para se sentar e dessa vez eu não conseguia rir ao ver a plaquinha da diretora enfeitada com árvores de Natal e renas.

— Danilo, estamos um pouco preocupados com você. Sabe por que foi chamado?

— Porque vai me dizer que estou criando pessoas na minha cabeça, que sou louco e que o Tomas não existe? Olha, eu não sei como ele convenceu vocês a fazerem isso, mas já deu. Por favor, peça para ele aparecer e eu prometo que nunca mais apronto com ele e que... Sei lá... Eu só quero meu amigo de volta...

— Escute, Danilo, não temos nenhum aluno registrado com o nome de Tomas Vilela na escola. Podemos te mostrar os registros dos alunos e, acredite, isso não seria nem um pouco fácil falsificar ou tentar mudar. Além de que fizemos uma pesquisa e não achamos ele em nenhum registro da cidade. Sentimos muito, mas...

— E na casa dele. Bulevar Martines 135. Podemos olhar lá, por favor...

Elas ficaram com os rostos confusos por um momento.

— Quem mora nesse endereço é o casal Bendington. Eu os conheço. São amigos meus. Se mudaram para cá faz um tempinho já — disse a psicóloga.

— Isso não está certo. Eu não... Não entendo o que está acontecendo.

Depois de ver as provas que tinham coletado, eu acabei concordando com tudo em um modo meio automático e me despedi da senhora Natalina, indo em direção à sala de aula, já que tinha passado um bom tempo na sala da diretora. Nesse caminho, não olhei muito ao redor e nem queria olhar, mas senti uma sensação bizarra. Sentia que todos estavam me olhando e até mesmo passei por pessoas cujos olhos me seguiam, mas ali eu não ligava para aquilo. Só quando a senhora Susana me deixou na sala que senti algo estranho. Sei que pode parecer bobo, mas antes dela sair, consegui ver um sorriso em seu rosto no momento da despedida e por um, juro que por um segundo, pude ver seu olho ganhar um tom de... Bem, um tom amarelado.

Passei o resto das aulas pensando em tudo. Era estranho, mas parecia que... Não. Eu não usaria essas palavras. Tomas existia. Eu não poderia, aquilo não podiam ser memórias falsas. Não é possível que aquilo não fosse real. Passei dezesseis anos da minha vida com ele. Me lembrava dos aniversários, me lembrava de quando fugíamos de casa, de quando fizemos viagens, de pegadinhas, de tudo. Aquilo era claro na minha mente. Mas... Tudo bem, pode não ser, mas não acredito que qualquer doença seria capaz de tanto. Podem existir casos de alucinações e doenças que nos fazem, sei lá, imaginar vozes ou pessoas, mas isso seria demais para qualquer tipo de problema real.

Porém as coisas não ficaram melhores até o fim daquele dia na escola. Alguns memes, fotos minhas com balões de falas dizendo “Ele existe” ou “Eu não sou louco” e edições comigo

em roupas de hospício foram parar no meu celular, lotando a caixa de entrada com todo tipo de coisa fazendo eu parecer maluco. Até tentei fingir que não me importava, mas aquilo parecia cruel. Talvez agora ser uma pessoa que não levava nada a sério e via tudo como piada pudesse não ser uma boa fama. Terminando o dia, não falei com mais ninguém. Fiquei distante de todos, ainda mais depois de todas as reflexões e dúvidas que encheram minha cabeça. Precisei de um momento para espalhar. Indo ao banheiro onde vasculhei por todo tipo de coisa, procurei por fotos minhas e do Tomas, procurei seu endereço, coisas sobre a cidade, mas nada apareceu, nem seus pais existiam. Então, quando percebi, me lembrei deles. Os Bendington tinham aparentemente se mudado para a cidade fazia pouco tempo, pelo que a senhorita Susana disse. Talvez... Talvez eles pudessem saber de algo. Isso até parecia um filme, mas um dos piores em que realmente eu não conseguia ver uma saída ou caminho onde tudo pudesse terminar bem. Saí da cabine então determinado a ir até a casa desse casal e entender mais sobre o misterioso sumiço do meu amigo.

O problema é que quando saí do banheiro, dei de cara com um colega. Na verdade, encontrei o próprio Tomas Marilha no banheiro, quase como uma piada sádica do destino.

— E aí? Como vão as coisas?

— Normais eu acho... — disse rindo desajeitadamente.

— Todos te acham louco, sabia.

— Sei. E não ligo.

— Mas você está louco, né?

— Do que você está falando? — indaguei olhando para ele.

Ali, percebi um certo sorriso, uma malícia sinistra que tinha sentido o dia todo, mas procurei a todo custo relevar. As pessoas no ônibus, as pessoas da escola, a diretora, a senhorita Susane... Será que... O que era aquilo?

— Minha avó também ficou louca, sabia? Quando chegou aos 87 anos, ela acabou tendo uma doença neurodegenerativa progressiva. Chegou até mesmo a tentar matar a filha porque não se lembrava dela e dizia que todos eram loucos, que estavam contra ela e que ela precisava fugir e que o irmão dela estava ali para ajudar. Só que ela nunca teve um irmão. Com sorte ela foi levada a um hospital psiquiátrico, mas morreu depois de algum tempo. Foi bem triste. Ver

uma pessoa que não conseguia discernir o que era real e o que era imaginação, acreditando em memórias falsas e sentindo que todos ao seu redor estavam contra ela. Isso é triste, mas é a vida.

— Não tinha cura... para isso?

Ele riu por um momento e disse algo que me provocou calafrios antes de sair.

— Só lobotomia.

Depois daquela frase, acho que comecei a pirar de vez. Talvez fosse um efeito de tudo o que havia acontecido, tipo hipocondria, devido ao que o outro Tomas falou, mas comecei a perceber mais sorrisos e uma sensação de perseguição, como se houvesse alguém atrás de mim. Com tudo isso rolando, nem sequer quis ficar um segundo a mais dentro daquela escola. Dei no pé assim que o primeiro sinal apitou, saindo antes mesmo do professor falar qualquer coisa. Passei por vários colegas que me olhavam e comecei a me sentir cada vez mais sufocado. Parecia que existiam mãos ao meu redor, os olhos de todos se distorciam e até comecei a ouvir vozes, com sons inaudíveis, mas que eu podia perceber que tentavam dizer algo. Cada passo que dava parecia mais pesado e, quando pisei na rua, aquela sensação horrível me cobriu por completo.

Podia ver pessoas ao meu redor, me observando, me olhando, sorrindo para mim de maneira maliciosa como se estivessem fazendo aquilo de propósito, para me enlouquecer. Coloquei os fones de ouvido e comecei a andar, à medida que sentia uma presença atrás de mim. Com medo, apressei o passo e minha espinha congelou quando ouvi alguém andando mais rápido atrás de mim. Cada vez que andava mais, o som da música era substituído pelo som pesado de passos. Pude ver um céu se cobrir de amarelo e as pessoas terem suas faces distorcidas. Comecei então a correr desesperadamente, sem me importar qual caminho eu tomaria, tentando a todo custo evitar de olhar as pessoas ao meu redor, enquanto sentia o ar dos meus pulmões acabar velozmente junto de passos que se tornavam mais acelerados. Com os olhos fechados, disparei pela rua tentando evitar aquele som cada vez mais audível de pessoas me seguindo, até que de repente ouvi algo que cobriu todos os outros sons ao meu redor. Uma buzina surgiu como um grito em meio ao silêncio e percebi que estava no meio da rua. Com o farol alto não pude perceber, mas acho que não havia ninguém dirigindo o carro. E, se tivesse alguém ali, a pessoa não disse nada para mim e apenas desviou, saindo pela rua agora vazia e silenciosa.



Minha respiração estava ofegante, mas consegui me recuperar a tempo de perceber que estava a poucos metros da casa desse tal casal Bendington. Com uma sensação estranha, não senti mais ninguém atrás de mim e nem os passos pesados. O céu tinha uma coloração escura com a chegada da noite e algumas estrelas eram visíveis. Tudo até parecia normal. Se bem que não tinha ninguém na rua naquele momento. Nem pássaros, nem esquilos, cães, pessoas ou carros, fora o que quase me atropelou, que havia desaparecido no horizonte. Eu parecia estar sozinho no mundo, apenas com aquela casa na minha frente. Nem mesmo as luzes das outras casas estavam acessas.

Com passos leves, fui em direção à residência de um casal de recém-chegados na cidade que estavam prestes a receber a visita de um moleque de dezesseis anos que estava indo lá para dizer a eles que estavam na casa do seu melhor amigo que misteriosamente havia desaparecido da realidade sem nenhum resquício deixado para trás, e que agora esse mesmo moleque estava o procurando como em uma história de ficção. Parecia um bom plano.

Fiquei a alguns poucos metros, praticamente na calçada em frente à casa, pensando se aquela seria a melhor decisão. Talvez eu pudesse, bem, talvez um médico, um psiquiatra, um

manicômio ou alguma coisa parecida pudesse ajudar. Talvez, só talvez, e só disse isso como uma possibilidade ínfima e totalmente absurda, Tomas nunca tenha existido, eu esteja louco e tudo que vi foi um delírio causado pela merda de uma doença neurodegenerativa fatal e progressiva que resolveu surgir logo agora e não nos meus últimos anos de vida. Também parecia um bom plano fazer isso. Tipo, ir me internar em uma ala e ficar o resto da vida gritando “Ele é real” ou “Você só não o estão vendo”. Acabei rindo por um momento com esse pensamento distante, até que percebi a porta da casa abrindo e um homem saindo dali.

— Você... Quer ajuda?

— Bem... Talvez...

— É que você está parado na frente da minha casa já faz uns dez minutos pelo menos. E, bem, isso está assustando a minha esposa.

— É que... Você vai me achar doido, mas essa era a casa... — Refleti por um momento o que estava fazendo, percebendo um som de pneu, me fazendo virar e notar uma vizinhança perfeitamente normal ao meu redor. — Bem... Nada. Não era nada.

— Você quer ajuda? Parece que você não está bem.

— Acho que eu não estou mesmo. Desculpe. Eu acho que só preciso ir embora.

— Tem certeza? Se precisar de ajuda estamos dispostos a ajudar. Pode entrar aqui. Temos uns bolinhos e um pouco de chá, ou refrigerante se preferir. Posso chamar seus pais e eles podem vir te buscar.

— Normalmente não negaria nem bolinhos e nem refrigerante, mas acho que... Acho que só preciso ir para casa.

— Tem certeza disso?

— Acho que sim. Acho que só preciso de um abraço caloroso da minha família.

— Tudo bem então. Se cuida. E boa volta para casa, Danilo — disse ele, fechando a porta.

— Obrigado, Senhor... Pera um segundo — disse depois de me virar e ouvir a porta da casa fechar. — Ele falou meu... Meu nome?

Rapidamente voltei para a casa e bati novamente na porta da frente, sem nenhuma resposta. Continuei a bater, sem saber exatamente o que estava fazendo ou se aquela era a

decisão certa, até que de repente ouvi um som sinistro, quase como um uivo, grito ou coisa parecida, vindo do outro lado da porta.

Me afastando com claro medo do que quer que aquilo fosse, corri sem nem olhar para trás e apenas parei quando estava em casa. Olhei os arredores e estava tudo escuro, com apenas algumas pessoas andando. O pior é que aquela vizinhança agradável fora substituída por pessoas que ainda estavam me observando, com seus olhos, e dessa vez afirmo, olhos que eu podia ter certeza de que se fixasse minha visão neles poderia ver uma coloração amarela piscar. Seria isso sinal de que essa tal doença estava piorando? Será que isso era mesmo uma doença? Tipo, ele... Eu sei que ele disse meu nome. Não tem como ele ter dito outra coisa além de Danilo. Tipo, menino, jovem, ser humano, qualquer outra coisa poderia até ser, mas eu nunca confundiria meu nome assim. Ele... Ele disse meu nome e nem sequer me conhecia...

Quando subi as escadas do quintal para entrar em casa, parei por um momento e olhei rapidamente para trás assim que um frio me percorreu, quase como se eu quisesse provar a mim mesmo que não tinha medo do que estava me observando, o que era mentira. Não sei se esperava achar um olho gigante amarelo, um monte de pessoas amontoadas juntas me encarando ou alguma coisa parecida. Tudo que vi foi o velho Mallar com seu cachorro raivoso. Porém, o Perebas estava calmo. Bem manso até. Não latia para nada, mesmo que esse cachorro pudesse começar a latir para um simples silvo de vento. Ele estava quieto e de uma forma estranha, assim como aquele velho maldito, que estava me encarando. Só que ali havia algo de diferente. Dessa vez não foi por um momento. Não foi em um relance. E não foi nenhuma impressão minha. Os olhos daqueles dois estavam amarelos. Amarelos como aquele olho maldito que me encarava em meus sonhos. Um tom de amarelo que era repulsivo e que fazia eu sentir meu corpo se degradar apenas por ficar o encarando. Ali eu sabia que algo estava errado.

Depois de ver isso, entro em casa como um raio e nem sequer olho para meus pais, para minha irmã ou para qualquer outra coisa no caminho até o meu quarto. Não sei o que poderia acontecer, mas não acho que suportaria vê-los daquele jeito. Ver se eles realmente também teriam olhos amarelos e aqueles malditos sorrisos maliciosos.

No meu quarto, tento juntar todas as peças do meu dia à medida que me lembro de mais detalhes curiosos. Eu lembro que falei com Tomas na noite passada. Lembro que ficamos discutindo sobre aquela creepypasta. Ela estava aberta no meu computador. Estava ali quando acordei. Fora todos os sorrisos, as pessoas, aquilo não era normal. Aquilo não era o que deveria

ser. Pessoas não agem assim, não são assim. Algo estava errado ali. Algo não estava funcionando ali. Há algo tentando... Tentando me enlouquecer?

Continuo a pensar e dar voltas pelo meu quarto, até que de repente, como um vislumbre, como aquele momento em que você percebe que o que procurava estava na sua frente o tempo todo, eu lembro do assoalho, do piso e do que está ali. Tranco meu quarto. Fecho as janelas e, no escuro, com apenas a luz do meu celular para me permitir ver, como se estivesse tentando enganar o que quer que estivesse me observando, me abaixo até o local correto no piso. Removo uma tábua, puxo uma caixa pequena com um cadeado, uso um código para o abrir e assim que vejo o que está ali dentro, um suspiro me percorre e caio no chão, batendo a cabeça com força suficiente para me fazer gritar, mas um alívio intenso percorre meu corpo com tanta força que nem sequer penso sobre a dor naquele momento.

Dentro daquela caixa está a prova. A prova de que eu não sou louco. De que algo estava acontecendo e de que eu faço parte de uma conspiração de algo maior. Com uma foto minha e de Tomas em mãos, eu me lembro do dia em que fizemos a maior loucura de nossas vidas.

Fora alguns anos antes, quando estávamos pensando sobre coisas sinistras e assustadoras que gostaríamos de fazer e eu comentei sobre a velha parte abandonada da cidade, onde praticamente não havia mais ninguém morando. Ele comentou sobre os vídeos de exploração urbana, basicamente malucos indo em lugares que não deveriam ir e explorando casas abandonadas, escolas fechadas ou fábricas esquecidas pelo tempo. Ali, eu disse que tinha coragem para fazer isso e ele disse que não. Logo, uma discussão amistosa começou sobre qual de nós era mais covarde e decidimos, como dois jovens idiotas que éramos, que a melhor escolha seria ir até a velha cidade abandonada e adentrar lá e o primeiro que desse para traz teria que sofrer alguma punição, como vestir um chapéu de galinha ou qualquer coisa idiota. Com o plano feito, fugimos no meio da noite de nossas casas, nos encontramos e fomos a pé com uma câmera para filmar o lugar e tirar fotos.

Passamos um bom tempo entrando em locais, vendo quartos e cômodos com mobília velha e até mesmo ficamos procurando fantasmas e tentando assustar um ao outro. Porém, quando fomos em uma casa, acabamos encontrando um quarto onde parecia haver alguém morando, com velas, comida e até mesmo uma certa ordem naquela bagunça. Quando ouvimos sons de passo e uma porta abrindo com um forte rangido, nós dois saímos correndo tão rápido que só paramos quando saímos daquele lugar maldito. Naquela hora, depois de um longo abraço, nós dois ficamos rindo e apostando quem tinha desistido primeiro, mas no fim voltamos

para casa com apenas uma foto que tiramos no começo da exploração, usando o meu celular, porque a porcaria da câmera especial que levamos nem tinha conseguido funcionar.

Segurando aquela imagem nas mãos, com tanta força que até acabo amassando uma pontinha dela, me questiono se aquilo não seria loucura. Se isso não é um papel em branco e apenas estou imaginando que ali está a memória de um dia que nunca existiu. De um amigo que nunca existiu. Mas, mesmo assim, sinto algo enquanto toco na foto, alguma coisa que desperta uma emoção profunda em mim que me faz ter certeza.

Eu não sou louco.

Sentir o medo que tivemos ao ouvir alguma coisa se aproximar. Me lembrar das risadas que demos depois de fugir de lá. Sentir o toque daquela foto e me lembrar do dia em que fomos imprimi-la. Eu tenho certeza de que a imagem na foto é real. De que Tomas é real. Porém, naquele momento de certeza, senti um forte medo me preencher com um vento vindo da janela, como se alguém estivesse tentando entrar. Logo, guardo a foto no bolso e abro as cortinas como um grito de coragem, apenas para dar de cara com uma noite quieta e o velho Mallar e seu cachorro ainda me olhando, me observando com os olhos na janela, como se soubessem que eu ia estar lá.

Minha mãe então me chama para jantar, enquanto observo o velho com um olhar em que tento transmitir uma sensação de ousadia junto da certeza de que vou descobrir o que está havendo e onde está Tomas. Saindo do quarto, sinto a sensação de que se fosse até lá embaixo, verei minha família, meu pai, minha mãe e minha irmã como aqueles seres. Mas com a mão no bolso, segurando a foto, desço as escadas, um pé devagar atrás do outro, à medida que tento me iludir, dizendo a mim mesmo que eles podem não ter sido afetados. Talvez estejam livres. Talvez possamos procurar por Tomas juntos. Talvez enfrentemos o grande mal que levou Tomas, como uma família. Assim que ponho o pé no piso inferior, ainda sem visão de seus rostos, tenho um pingo de esperança.

Quando chego perto da mesa de jantar, erguendo meu rosto com alegria, vejo seus olhos brilhantes naquele maldito tom, naquela profana cor asquerosa e horrenda que me acompanhou por todo esse dia, que me fez ter vontade de vomitar e que parece me amaldiçoar cada vez que o fito. Os três me encararam, com sorrisos distorcidos como se fosse um dia normal, como se fosse mais uma refeição em família.

Não consigo dizer se sabem ou não que eu descobri que não são minha família. Ou talvez até possam ser. Talvez tudo aquilo, talvez todos estejam sob o controle dele, deles ou do que quer que seja. Mas agora eu apenas posso os ver como pessoas consumidas por algo, pessoas nas quais eu não posso mais confiar.

Me sento à mesa com eles, com a infeliz certeza de que estou sozinho nesse novo mundo. Como uma presa indo ao abate. Como um único pássaro inquieto em uma floresta silenciosa, repleta de predadores à espreita, prontos para me caçar.

Reflito comigo mesmo se aquela refeição terminará comigo vivo. Se eu poderei ir à escola amanhã. Se logo as pessoas de olhos amarelos não me atacarão, trajados de sorrisos maliciosos e rostos distorcidos. Penso tudo isso durante cada garfada, cada pergunta feita para mim, cada sorriso que esses seres dão, como se tentassem me convencer que tudo está bem. De que esse é apenas mais um dia como qualquer outro.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que neste Trabalho de Conclusão de Curso, além de dissertar sobre o mangaká Junji Ito e algumas de suas obras, também tive um momento para falar sobre mim e sobre as minhas perspectivas com criação e narrativas. Durante muito tempo da minha vida, eu elaborei histórias, arquitetei mundos e acho que sempre quis ter um mundo que fosse apenas meu. Cada ano da minha vida eu acabava idealizando novas narrativas, com cada vez mais personagens, cada vez mais cenários e mais sistemas de poderes e habilidades elaboradas. Me lembro de várias vezes falar sobre construção de mundos com meus amigos ao longo das fases da minha vida, além de até mesmo ter amigos que, assim como eu, criavam histórias. Acho que isso acabou me incentivando bastante, mas também me mostrou que eu sentia uma sensação estranha quando eles falavam que não pretendiam publicar suas ideias publicamente. Acho que, como desde pequeno eu admirava os mundos de fantasia, ficção científica, terror e qualquer outro gênero que de certa forma me levasse para longe da realidade na qual eu vivia, eu queria fazer algo parecido. Por mais que pareça um sentimento imaturo da minha parte querer fugir da realidade para um mundo mágico e místico, quase como se acreditasse que um dia minha carta de Hogwarts iria chegar ou que meu Sátiro apenas se perdeu no caminho para me levar ao Acampamento Meio Sangue, eu via, e vejo, isso como uma forma de continuar me motivando e me dando uma sensação de conforto que eu não podia achar no “mundo real”. E, mesmo que eu não me torne um grande escritor a nível mundial, reconhecido por eras assim como grandes nomes da literatura, se eu conseguir ajudar pessoas que, como eu, precisam de um escape e de um lugar para se sentirem livres, eu aceito acabar trabalhando como ilustrador de revistas, sites ou cosméticos, contanto que minhas histórias cheguem a inspirar pelo menos um leitor. Para mim, um leitor, um fã, uma pessoa que avidamente fica aguardando, teorizando e refletindo sobre o que eu escrever, poderia proporcionar um mundo no qual eu acho que me sentiria feliz. Um mundo onde eu me sentiria pertencente.

Num futuro bem distante, ou talvez não tanto, espero publicar histórias, criar ilustrações e *concepts* dos meus personagens, assim como chegar a escrever uma história em quadrinhos, para que eu possa lançar minhas narrativas e mitologias de uma maneira que finalmente unisse minha paixão por desenhar e escrever. Não sei se será nesse próximo semestre, nesse próximo ano ou, talvez como Junji Ito, após alguns anos longe de qualquer área de criação de histórias, mas admito que estou ambicionando chegar a esse lugar um dia. Não posso, e nem quero, dizer

que sou um grande escritor ou que tenho algo que poderá mudar o mundo, porque acho que não se trata dessa grandeza, mas sim se trata de criar um laço com o leitor, o fazendo ver as histórias como algo muito além de apenas palavras ou imagens que ele viu. Claro que não vou mentir e dizer que não gostaria, porque seria demais ter alguma ideia original e ser reconhecido por isso, deixando a minha marca imortal no mundo, assim como a epopeia de suas aventuras foi para Gilgamesh, mas, se não chegar a esse ponto, contanto que eu tenha inspirado um fã fiel, eu poderia me considerar feliz. Também não acho que eu conseguiria escrever histórias apenas para mim, apenas para as guardar comigo. Pensei por um bom tempo sobre essa possibilidade, mas não a vejo como algo concreto. Hoje eu percebo que não quero deixar tudo o que tenho apenas guardado em uma gaveta, mas sim desejo que isso possa pertencer a todos os leitores que tentarem ir atrás. Espero que pessoas possam ler e explorar meus mundos, pensando em como minhas histórias poderiam ter acabado de maneiras diferentes ou discutindo sobre qual personagem seria seu favorito, o mais forte ou o mais bem construído. Nesse ponto, acho que posso considerar que Junji Ito é uma grande inspiração para mim, pois mesmo depois de trinta anos de sua vida trabalhando na área de odontologia, agora ele pode se considerar um grande mangaká, a nível mundial, de histórias de sucesso que brincam com nosso imaginário, criam interpretações dúbias e nos trazem ilustrações que para alguns podem ser grotescas, mas para outros podem ser encantadoras. Além disso, gostaria de falar também sobre algo que vim descobrindo e desenvolvendo nesses meus recentes anos como escritor, que seria a escolha de um gênero com o qual eu gostaria de trabalhar. E acredite, passei muito tempo pensando se eu seria um escritor de horror, de ação, de fantasia, de suspense, de histórias policiais ou alguma outra opção. E honestamente acho que não existe quase nenhum gênero, apenas com algumas exceções, que me desagrade.

Dentro dessas ressalvas, poderia citar comédias românticas ou dramas melancólicos, mas acredito que todos os gêneros têm seu espaço no meu coração. Por isso, foi extremamente difícil poder escolher sobre qual deles eu gostaria de focar, um pensamento bem idiota de certa forma, como se eu fosse ter que escolher qual tipo de comida eu comeria pelo resto da vida. Porém, foi vasculhando em meio a todas essas possibilidades e fazendo esse Trabalho de Conclusão de Curso que eu encontrei algo que talvez fosse, e acredito que vá ser, a solução para esse meu problema. Acredito que algo que Junji Ito consegue trazer muito bem é uma sensação de estranheza e surrealismo, criando histórias de balões com cabeças humanas que enforcam pessoas, de casos misteriosos de casais ou grupos que são costurados e mortos juntos, de uma escritora que aprisiona pessoas a fim de capturar seus tiques para escrever livros, de mulheres

pássaros capazes de viajar no tempo para alimentar pessoas com a própria carne, de bruxas capazes de lançar maldições de decapitação em pessoas, e assim se prossegue a longa lista. E o que quero dizer com isso é que Junji Ito possui uma certa marca de trabalhar histórias que em sua maioria total, se não me engano, fogem completamente do normal, do real, do cotidiano ou do natural. Suas histórias possuem um toque de especial de algo chamado insólito. E já para começar falando dele, acho que esse termo pode ser um dos mais mal compreendidos pelas pessoas em geral, pois em sua maioria ouvimos este gênero sendo relacionado ou com mitologias cósmicas ou apenas com estranheza. Porém, descobri que o insólito vai tão além disso que ele é alvo de estudo por muitas pessoas, trazendo tantos significados, que esse gênero talvez pudesse ser definido como o gênero de todas as ficções, se opondo a tudo do mundo “real”. E foi em minhas pesquisas e em conversas sobre o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso com a minha orientadora Janaína de Azevedo Baladão, que eu descobri que o insólito abriga gêneros como o sobrenatural, o absurdo, o fantástico, o místico, o cósmico, o estranho, a ficção científica, extraordinário, surreal, terror cósmico e por aí vai. E foi nesse gênero, envolto de outros gêneros, que o insólito representa que eu encontrei um lugar ao qual me sinto perfeitamente pertencente, como uma pessoa à beira de um precipício pronta para pular nele e desbravar suas entranhas inexploradas. Não tão inexploradas no caso do insólito, mas acho que essa figura de linguagem serve como exemplo. Como citado antes, eu sempre tive um gosto muito grande por histórias que fugissem à minha realidade e me levassem para um lugar ao qual eu sabia que não existia, mas que eu desejava inquietantemente que um dia pudesse ser real. Sendo assim, nada mais justo do que eu acabar escolhendo um gênero tão vasto e complexo como o insólito. Claro que o meu conhecimento acerca do gênero é ainda muito mínimo, mas creio que, com esforço, eu poderei começar a adentrar cada vez mais em suas profundezas e decifrar seus significados a fim de dominar o insólito com a maestria que eu desejo. Claro que tudo aqui são apenas suposições, e desejos, de um escritor iniciante que deseja muito ser reconhecido por suas obras, mas o mundo sempre foi feito de sonhos e nada mais justo do que um criador de histórias sonhar com um mundo que ainda não existe, mas que pode um dia se tornar real.

## REFERÊNCIAS

- BIANEZZI, Matheus. ‘Não acho possível desenhar horror sem negatividade’, diz Junji Ito em entrevista ao IGN Brasil; leia. **IGN Brasil**, 2023. Disponível em: <<https://br.ign.com/manga/105701/feature/nao-acho-possivel-desenhar-horror-sem-negatividade-diz-junji-ito-em-entrevista-ao-ign-brasil-leia>>. Acesso em: 6 de jun. de 2024.
- CHAN, Jack e Moo. Junji Ito, o mestre do horror japonês contemporâneo. **Omelete**, 2021. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/mangas-animes/junji-ito-vida-carreira>>. Acesso em: 5 de jun. de 2024.
- GARCIA, Fábio. Mesmo sem ajuda de anime, autor é o queridinho do Brasil. **Omelete**, 2023. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/anime-manga/junji-ito-mangas-brasil-anime-netflix>>. Acesso em: 5 de jun. de 2024.
- GARCIA, Fábio. O que assusta o mestre do horror? Junji Ito como você nunca viu antes. **Splash UOL**, 2023. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/12/08/o-que-assusta-o-mestre-do-horror-conversamos-com-junji-ito-autor-de-manga.htm>>. Acesso em: 6 de jun. de 2024.
- GOMES, Thiago. Quem é Junji Ito e por que você deve ler os mangás de horror dele. **Super Interessante**, 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/coluna/turma-do-fundao/quem-e-junji-ito-e-por-que-voce-deve-ler-os-mangas-de-horror-dele>>. Acesso em: 6 de jun. de 2024.
- ITO, Junji. **Contos de horror da Mimi**. Darkside Books. Tradução: Jéssica Ilha da Silva, 2022.
- ITO, Junji. **Fragmentos do horror**. Darkside Books. Tradução: Jéssica Ilha da Silva, 2017.
- MCCARTHY, Helen. **500 Manga Heroes & Villains**. Nova York: Chrysalis Book Group, 2006.
- PECCILLI, Giuliano. Quando Mundos Colidem: O Encontro de Maurício de Sousa e Junji Ito. **Portal Nipon Já**, 2023. Disponível em: <<https://portal.nipponja.com.br/quando-mundos-colidem-o-encontro-de-mauricio-de-sousa-e-junji-ito/>>. Acesso em: 5 de jun. de 2024.
- PORFÍRIO, Eduarda. Maurício de Sousa encontra mangaká Junji Ito em CCXP 23. **O Povo**, 2023. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/vidaarte/2023/12/02/mauricio-de-sousa-encontra-mangaka-junji-ito-em-ccxp-23.html>>. Acesso em: 7 de jun. de 2024.
- RAMOS, Durval. Quem é Junji Ito? Conheça o mestre do mangá de terror. **Canaltech**, 2023. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/entretenimento/quem-e-junji-ito-conheca-o-mestre-do-manga-de-terror-236654/>>. Acesso em: 5 de jun. de 2024.
- RIBEIRO, Pedro Henrique. Junji Ito diz que gostaria de conhecer o Brasil e o nosso folclore. **Omelete**, 2023. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/mangas-animes/junji-ito-entrevista>>. Acesso em: 5 de jun. de 2024.

SIQUEIRA, Pedro. Junji Ito conhece Maurício de Sousa em encontro de lendas dos quadrinhos. *Jovem Nerd*, 2023. Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/noticias/hqs-e-livros/junji-ito-encontra-mauricio-de-sousa>>. Acesso em: 5 de jun. de 2024.

TALARICO, Fernanda. Junji Ito acha que a “a vida real é mais assustadora do que os mangás”. *Jovem Nerd*, de 2021. Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/noticias/animes-e-mangas/junji-ito-acha-que-a-a-vida-real-e-mais-assustadoras-que-os-mangas>>. Acesso em: 5 de jun. de 2024.